



A. W. TOZER

Este mundo: Lugar de Lazer
ou Campo de Batalha?

DESCUBRA A VERDADEIRA MISSÃO
DE UM DISCÍPULO DE CRISTO.



DANPREWAN
EDITORA

DIGITALIZADO : KARMITTA - SEMEADORES DA PALAVRA

REVISADO: ESCRIBA DIGITAL

Este Mundo: Lugar de Lazer ou Campo de Batalha?

Traduzido do original em inglês

This World: Playground or Battleground?

Copyright © 1992 Chistian Publication Inc. 3825 Harzdale Drive.
Camp Hill, PA 17011

Tradução de: Milton Azevedo Andrade

Revisão: Vitória Silva Wanderley

Diagramação: Cítara Editora/Grace Arruda

Capa: Next Nouveau

1ª Edição: brasileira: Janeiro de 2000.

Os textos bíblicos utilizados neste livro são da versão Almeida,
Revista e Atualizada,

2ª. Edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto
se outra tradução é indicada:

SBTB: Almeida, Edição Corrigida e Revisada, da Sociedade
Bíblica Trinitariana do Brasil.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por
Danprewan Editora e Comunicações Evangélicas Ltda.

Caixa Postal 29.120 — CEP 20.542-970 - Rio de Janeiro - RJ —Telefax (021) 570-
3291 E-mail:jorgewan@ uol.com. br

Dado.s Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) - Brasil Sindicato
Nacional dos Editores de Livros, RJ

Tozer, A. W. (Aiden Wilson), 1897-1963

Este Mundo: Lugar de Lazer ou Campo de Batalha?/A. W.

Tozer; textos selecionados e editados por Harry Verploegh;
tradução Milton Azevedo Andrade. - Rio de Janeiro;

Danprewan, 1999.

Traduzido do original em inglês: This World: Playground or
Battleground?

ISBN 85-85685-17-4

1. Meditações. 2. Igreja e problemas sociais - Igreja Protestante.

I. Verploeh, Harry.

II. Título

Nenhuma parte deste livro pudera ser reproduzida ou transmitida sob qualquer modo
ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações, ou
por qualquer forma de arquivamento de dados, sem a prévia permissão escrita dos
editores.

CONTEÚDO

Prefácio do Editor da Versão Inglesa.....	05
1. Este Mundo: Lugar de Lazer ou Campo de Batalha?.....	07
2. Um Mundo em Pânico Necessita de uma Igreja Sem Medo.....	10
3. Enfrentemos o Amanhã Sem Medo Algum.....	12
4. Temos de Ter uma Fé Verdadeira.....	14
5. "Quando as Tuas Misericórdias, O Senhor"	16
6. Quanto à Luta em Oração.....	18
7. A Nossa Maior Necessidade: Homens.....	19
8. A Pessoa Espiritual.....	21
9. Os Recursos Que Temos para os Próximos Anos.....	22
10. Fiquemos com as Escrituras.....	25
11. Uma Nova Abordagem a uma Velha Questão.....	26
12. Livros e Padrões de Moral.....	28
13. Ficando Menor, Quando se Quer Crescer.....	30
14. Ter Iniciativa, Ser Conservador ou Ser Criativo?.....	31
15. O Que Mais Importa É a Motivação.....	33
16. Algo Além da Canção.....	34
17. O Uso Indevido das Escrituras.....	35
18. Meditando em Meio a Folhas que Caem.....	37
19. Não Temos Que Defender, Mas Atacar!.....	40
20. Meditação da Páscoa.....	43
21. A Importância da Direção.....	46
22. Uma Confissão Inspirada.....	48

23. Tomemos Cuidado Com as Nossas Palavras.....	51
24. Temos de Ter Novamente uma Liderança Espiritual.....	53
25. O Cristão É o Verdadeiro Realista.....	56
26. Orando Até Orar de Verdade.....	58
27. Obediência: Uma Doutrina Negligenciada.....	60
28. Cristãos Honorários.....	62
29. Sejamos Generosos ao Dar, Mas com Sabedoria.....	64
30. Palavras Sintomáticas: "Justo", "Injusto".....	67
31. Outras Palavras Sintomáticas: "Ressentir-se", "Ressentimento".....	69
32. O Profeta É um Caso à Parte.....	72
33. Não É uma Rua de Mão Única.....	74
34. O Espírito Santo Está Presente.....	77
35. O Anjo de Todo Dia.....	79
36. Uma Regra para Textos Obscuros.....	82
37. Substitutos Não São Aceitos.....	85
38. Fugi da Idolatria.....	
39. A Auto-Suficiência Humana É um Mito.....	
40. Sempre Teremos Problemas.....	
41. O Capitão de Almas.....	
42. O Que É uma "Vida de Maior Profundidade?".....	
Notas.....	

PREFÁCIO DO EDITOR DA VERSÃO INGLESA

A primeira vez que ouvi A. W. Tozer foi no dia 4 de julho de 1946, no Centro de Conferências Bíblicas do Lago Delta em Roma, Nova York. Ele pregou com base em Colossenses 1:15-17 sobre a supremacia de Jesus Cristo. Eu era um jovem que havia deixado o exército, e fiquei encantado ao ouvir aquele mestre do púlpito exaltando o nosso Salvador e Senhor numa mensagem fora do comum. Agora, 42 anos depois, tenho tido a honra de ser um de seus sucessores como editor da Alliance Life (Vida da Aliança), a revista oficial da Aliança Cristã e Missionária e, mais recentemente, de ser quem publicou a maioria de seus livros.

Desde que as primeiras cópias de *The Pursuit of God* (A Busca de Deus) foram impressas pela editora Christian Publications, os que compraram as obras de Tozer instintivamente descobriram que se tratava de um profeta do século vinte. Pois nos treze anos em que o Dr. Tozer editou a revista Alliance Life, este autodidata, instruído pelo Espírito, nascido na Pennsylvania, produziu uma verdadeira mina de ouro de editoriais. Muitos assinavam aquela revista apenas para ler os incisivos escritos dele. Ocasionalmente, é claro, Tozer referia-se aos eventos ou assuntos daquela época, como por exemplo a guerra da Coreia. Veja o que ele disse naquele tempo, e você verá como é impressionante seus editoriais serem tão atuais depois de 35 anos ou mais. Isso é o que caracteriza um verdadeiro profeta.

Por todos esses anos muitos daqueles editoriais foram preservados em livros, os três primeiros foram preparados pelo próprio Dr. Tozer. Depois Anita Bailey, a gerente que editava seus livros, publicou três coleções após a morte dele. Em 1984, Harry Verploegh, um aposentado homem de negócios que por 30 anos fora ouvinte dos sermões do Dr. Tozer, e que tinha se tornado seu amigo e confidente, tomou a seu encargo reunir o material restante para ser publicado. O presente livro, *Este Mundo: Lugar de Lazer ou Campo de Batalha ?* é o décimo livro de editoriais do Dr. Tozer, e o quarto dentre os que Verploegh havia escolhido e publicado. Quatro outros estão planejados também, e então o projeto se completará.

Se este é o primeiro livro de A. W. Tozer que você está lendo, você está prestes a ficar com a sua mente estimulada e com o seu coração aquecido. Não espere mais nada para lançar-se nessa empreitada! Faça parte do grande contingente de leitores que continuam sendo atraídos por aquele que, através do púlpito e da literatura, compartilhou aos que crêem o conhecimento que tinha daquele que é Santo.

H. Robert Cowles
Vice-Presidente Executivo
Christian Publications

CAPÍTULO 1

Este Mundo: Um Lugar de Lazer ou um Campo de Batalha?

As coisas são para nós não apenas o que elas são - elas são o que achamos que elas são. Isso quer dizer que a nossa atitude para com as coisas é provavelmente mais importante, afinal de contas, do que as próprias coisas em si mesmas. Isso é uma peça comum do conhecimento, tal como uma velha moeda, já desgastada pelo uso, mas que ainda tem sobre si o cunho de que é verdadeira, e não deve ser rejeitada simplesmente por nos ser tão conhecida.

É estranho como um fato pode permanecer inalterado, ao passo que a nossa interpretação do mesmo altera-se com o passar das gerações e dos anos. Um fato assim é o mundo em que vivemos. Ele existe e tem existido através dos séculos. Isso é um fato permanente, praticamente inalterado com o passar do tempo, mas como é diferente a forma pela qual o homem moderno o vê, em relação à visão que nossos pais tinham! Aqui vemos com clareza quão grande é o poder da interpretação. O mundo é para todos nós não apenas o que ele é - ele é o que cremos ele ser. E uma tremenda carga de dor ou de felicidade depende da fonia correta da nossa interpretação.

Um exemplo disso pode ser buscado na experiência americana. Há uma diferença enorme entre as atitudes tomadas nos dias de hoje e aquelas dos primórdios da colonização americana. Naqueles tempos, quando o Cristianismo exercia uma influência dominante sobre o pensamento americano, o mundo era considerado um campo de batalha. Os primeiros americanos acreditavam no pecado, no diabo e no inferno como constituindo uma força, e criam em Deus, na retidão e no céu como sendo outra força. Por sua natureza, essas forças eram opostas entre si numa hostilidade profunda, séria e irreconciliável.

Os seres humanos de então tinham que escolher um dos dois lados - eles não podiam manter-se neutros. Para eles tinha de ser vida ou morte, céu ou inferno, e se optassem por estar do lado de Deus, eles tinham a expectativa de que teriam que enfrentar uma guerra contra os inimigos de Deus. A luta seria real e mortal e duraria enquanto a vida permanecesse por aqui. As pessoas almejavam o céu como um retorno da guerra, como um

embainhar das espadas para em paz desfrutar da vida no lar que lhes havia sido preparado.

Os sermões e os cânticos daqueles dias com frequência tinham uma qualidade marcial, e muitas vezes um traço de saudade do lar celestial. Os soldados cristãos pensavam sobre o lar, sobre o descanso e sobre o estarem juntos com os seus, e suas vozes cresciam em lamentação ao cantarem da batalha terminada e da vitória alcançada. Mas quer estivessem atacando as armas do inimigo, ou sonhando com o fim da guerra e com as boas vindas do Pai, eles nunca se esqueciam de como era o mundo em que viviam - era um campo de guerra, e muitos eram feridos e mortos.

Essa visão é inquestionavelmente de acordo com as Escrituras. Mesmo levando-se em conta as figuras e metáforas que são muito frequentes na Bíblia, é uma clara doutrina bíblica que tremendas forças espirituais acham-se presentes no mundo. A humanidade, por causa de sua natureza espiritual, está no meio dessas forças. Os poderes do mal inclinam-se a nos destruir, ao passo que Cristo está presente para nos salvar por meio do poder do evangelho. Para sermos libertos temos de colocar-nos do lado de Deus em fé e em obediência. Resumidamente, era isso que os primitivos americanos pensavam, e o que, cremos, é o que a Bíblia ensina.

Que diferente é hoje. A realidade permanece a mesma, mas a interpretação mudou completamente. As pessoas não mais pensam no mundo como sendo um campo de batalha, mas como um lugar de lazer. Não estaríamos aqui para lutar; estaríamos aqui para brincar. Não estaríamos num país estrangeiro; estaríamos em casa. Não estaríamos preparando-nos para a vida, mas já estaríamos vivendo a nossa vida, e o melhor que poderíamos fazer é livrarmo-nos de nossas inibições e de nossas frustrações para viver esta vida o máximo que pudéssemos. Isto, cremos, é um correto resumo da filosofia religiosa do homem moderno, abertamente professada por milhões e tacitamente aceita por muito mais pessoas ainda, que vivem de acordo com essa filosofia, mesmo que não a admitam por meio de palavras.

Esta mudança de atitude em relação ao mundo tem tido e está tendo uma influência sobre os cristãos, até mesmo sobre os cristãos evangélicos que professam a fé na Bíblia. Por um curioso malabarismo de figuras,

fazem uma soma de forma errada e ainda assim dizem obter a resposta correta. Isso parece fantástico, mas é verdade.

A ideia quanto a este mundo ser um lugar de lazer em vez de um campo de batalha tem sido acatada praticamente pela grande maioria dos cristãos fundamentalistas. Eles podem responder" com evasivas quando diretamente questionados quanto à sua posição, mas a conduta deles os denuncia. Eles estão querendo percorrer dois caminhos, desfrutar Cristo e o mundo, e com muita alegria dizem a todos que receber Jesus não requer que renunciem ao seu divertimento - o Cristianismo seria apenas a coisa mais divertida que se possa imaginar. O "culto" decorrente de tal visão da vida acha-se tão deslocado de seu centro como a própria visão em si mesma um tipo de casa de diversões noturna santificada, sem a champanhe e sem os bêbados de colarinho.

Tudo isso chegou a um ponto que se tornou algo muito sério, de forma que agora todos os cristãos têm a obrigação de reexaminar a sua filosofia de vida à luz da Bíblia. Com a descoberta do caminho que é bíblico, devem ir por ele, mesmo que, para isso, tenham de se desligar de muitas coisas que tinham aceitado como verdadeiras, mas que agora, à luz da verdade, tenham se mostrado serem falsas.

Uma visão correta de Deus e do mundo futuro requer que tenhamos uma visão certa do mundo em que vivemos e do nosso relacionamento em relação a ele. São tantas coisas que dependem disso que não podemos nos descuidar a esse respeito.

CAPÍTULO 2

Um Mundo em Pânico Necessita de uma Igreja Sem Medo

Ninguém pode culpar as pessoas por terem medo. O mundo está sob a ameaça de um batismo de fogo, e quer ocorra ou não, no tempo presente, o início da provação, tal batismo certamente virá, mais cedo ou mais tarde. Deus declara isso pela voz de todos os santos profetas desde que o tempo começou - e não há escapatória.

Mas nós cristãos não somos um povo de uma outra ordem? Não reivindicamos ter um lugar nosso dentro do propósito de Deus totalmente fora das incertezas do tempo e do acaso em que são pegos os filhos e as filhas deste mundo? A nós não nos foi dada uma profética antevisão de todas as coisas que estão para acontecer sobre a terra? Alguma coisa poderá pegar-nos desprevenidos?

Certamente que os cristãos que lêem a Bíblia são as últimas pessoas na terra a dar lugar à histeria. Eles são redimidos de seus pecados do passado, são mantidos em suas atuais circunstâncias pelo poder de um Deus onipotente, e o seu futuro está seguro nas mãos dele. Deus prometeu sustentá-los na inundação, protegê-los em meio ao fogo, alimentá-los no tempo de fome, protegê-los de seus inimigos, escondê-los em sua câmara segura até que toda ira Passe e por fim recebê-los nos tabernáculos eternos.

Se somos chamados a sofrer, podemos estar perfeitamente seguros de que seremos recompensados por toda dor e seremos abençoados por toda lágrima. Por baixo haverá os Braços Eternos e por dentro haverá uma profunda certeza de que tudo está bem com a nossa alma. Nada pode separar-nos do amor de Deus - nem a morte, nem a vida, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura.

Este é um mundo velho e grande, e está cheio de habitações das trevas, mas em parte alguma de toda a sua vasta extensão há uma coisa sequer que um cristão verdadeiro tenha que temer. Um cristão que se deixa levar pelo medo com certeza jamais examinou as defesas que possui.

Uma igreja tomada pelo medo não pode ajudar o mundo que está em pânico. Nós que estamos no lugar seguro da segurança temos de começar a falar e a agir de acordo com esse lugar. Nós, mais do que todos os que habitam sobre a terra, temos que ser calmos, esperançosos, animados e alegres. Nunca convenceremos o mundo em pânico de que há paz na Cruz, se continuarmos a demonstrar os mesmos temores dos que não professam o Cristianismo.

CAPÍTULO 3

Enfrentemos o Amanhã Sem Medo Algum

Cada Ano Novo é um oceano não mapeado e desconhecido. Navio algum jamais navegou por ele antes. Os filhos mais sábios deste mundo não podem dizer-nos o que poderemos encontrar nesta jornada. A familiaridade com o passado pode dar-nos uma ideia geral sobre o que podemos esperar encontrar à nossa frente, mas onde é que haverá rochas escondidas sob a superfície das águas, ou quando será que "aquele tempestuoso vento chamado Euroclidon" com todo o seu furor soprará sobre nós de repente, isso ninguém pode afirmar com certeza.

As condições prevalecentes sobre o mundo são tão graves que todos os que pensam não podem absolutamente manter um espírito de otimismo em relação ao futuro. Os filósofos do mundo já há um bom tempo têm deixado de pregar a paz, exceto como um alvo em direção ao qual as nações deveriam freneticamente lutar, mesmo tendo bem pouca esperança de alcançá-lo. Os melhores cérebros do mundo têm se dedicado à produção de ferramentas com as quais destruir o mundo. E se assim eles agem em bons tempos, o que farão nos maus?

Quando Faraó enfrentou um problema, mandou buscar José; Nabucodonosor na sua aflição apelou a Daniel. Esses homens iluminados por Deus sabiam no que daria a situação que se lhes apresentava - eles puderam prever o futuro e indicar um caminho seguro. Eles eram homens sábios com uma sabedoria não deste mundo e assim estavam em condições de enfrentar o futuro com alegria, mesmo sabendo quão tenebroso e problemático aquele futuro seria.

Hoje em dia também há pessoas que encaram o próximo ano sem desanimarem e sem qualquer temor. São cristãos. Não são pessoas otimistas sorridentes que se fazem sentir à vontade mediante uma negação a fatos reais ou que baseiam suas esperanças em falsas expectativas de intenções de paz por parte das nações. Não, dentre todos os homens, tais pessoas são as verdadeiramente mais realistas. Elas não têm nada a ver com a fantasia - antes exigem saber que fatos estão ocorrendo, sejam bons ou

maus. Elas insistem em ajustar suas crenças com a verdade, e não hesitam por terem que enfrentar qualquer verdade, qualquer que seja.

Agora, mais do que em qualquer outro tempo, o crente acha-se numa posição de partir para a ofensiva. O mundo está perdido num extenso oceano, e apenas os cristãos sabem qual é o caminho para o céu que todos desejam. Enquanto as coisas iam indo bem, o mundo zombava deles por suas Bíblias e pelos hinos que cantavam, mas agora o mundo precisa deles desesperadamente, e necessita inclusive daquela Bíblia tão desprezada. Pois na Bíblia, e somente nela, é que se encontra o mapa que nos diz onde nos encontramos neste desconhecido e encapelado oceano. Não estamos mais nos dias em que os crentes tinham que se desculpar com toda brandura - eles agora podem obter a atenção do mundo não mais com uma postura de quem quer agradar, mas mediante uma atitude corajosa declarando a verdade da revelação divina. Eles podem se fazer ouvidos não por qualquer tipo de comprometimento com as pessoas, mas por declararem, com toda convicção: "Assim disse o Senhor".

Seja o que o Senhor venha a fazer nos anos vindouros, e o que venha a acontecer com a humanidade, os verdadeiros cristãos não têm por que se preocupar. Eles estão seguros para sempre por uma aliança de sangue e são mais queridos para Deus do que a menina dos seus olhos. Nenhuma noite poderá ser tão escura que apague a luz que eles têm, fogo algum terá como queimá-los, enchente alguma, por mais severa que seja, poderá pegá-los em sua jornada. Os ventos e as ondas são seus amigos e as estrelas em seu curso lutam por eles. Deus está à mão direita deles, não serão atingidos.

Enfrentemos então o amanhã com louvor e com cânticos; vivamos em permanente adoração a Deus. Pois não somos "guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo" V E o "último tempo" bem que pode estar mais próximo do que pensamos.

CAPÍTULO 4

Temos de Ter Uma Fé Verdadeira

Para muitos cristãos, Cristo não passa de uma ideia ou, na melhor das hipóteses, de um ideal - para eles, ele não é real. Milhões de crentes professos falam de Cristo como sendo real, mas agem como se ele não o fosse. Mas a nossa verdadeira posição é sempre revelada pelo modo como agimos, e não pelo que dizemos.

Podemos provar a nossa fé pelo compromisso que temos para com ela, e não de outra forma. Toda crença que não se impõe sobre aquele que a detém não é uma crença real - é uma pseudocrença. Talvez alguns de nós ficaríamos profundamente chocados se fôssemos de repente postos, frente a frente, com as nossas crenças e forçados a testá-las com o fogo da vida prática. Muitos de nós tornamo-nos muito habilidosos em acomodar a nossa vida de forma a admitirmos a verdade do cristianismo sem nos embarçarmos com suas decorrências. Estabelecemos certas coisas de forma que podemos dar-nos bem sem a ajuda divina, e ao mesmo tempo ficamos ostensivamente em sua busca. Vangloriamo-nos no Senhor, mas tomamos todo o cuidado para não sermos pegos dependendo dele. "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?"

A fé não verdadeira sempre dá um jeito no caso de Deus falhar. A fé verdadeira somente conhece um caminho e com alegria deixa-se ser desprovida de quaisquer saídas alternativas ou expedientes substitutos. Para a verdadeira fé, ou é Deus ou é total colapso. E desde o primeiro dia de vida de Adão até hoje, Deus nunca foi infiel para quem quer que nele tenha confiado.

Os que têm uma fé não verdadeira poderão lutar por sua crença verbal, mas positivamente se recusarão a se deixarem envolver numa situação difícil em que o futuro dependa de ser verdadeira a sua fé. Eles sempre se provêm de modos alternativos para escaparem caso o teto venha a desabar.

Do que precisamos hoje em dia é da companhia de cristãos que estejam preparados para confiar em Deus de forma tão completa agora

como sabem que terão de confiar no último dia. Para cada um de nós com certeza está por chegar o dia em que nada teremos, a não ser Deus. A saúde, a riqueza, os amigos e os nossos esconderijos terão sido varridos de nossa vida, e teremos apenas Deus. Para os que têm uma fé não verdadeira isso é um pensamento terrível, mas para os de fé verdadeira é um dos pensamentos que mais conforto trazem ao coração.

Seria de fato uma tragédia ir até o lugar em que nada temos a não ser Deus, e lá descobriremos que não vínhamos confiando em Deus absolutamente, durante os dias da nossa jornada na terra. Seria bem melhor convidar Deus agora a remover toda falsa confiança, desligar o nosso coração de todos os esconderijos secretos, trazendo-nos para o céu aberto onde possamos descobrir por nós mesmos se realmente confiamos nele, ou não. Essa é uma desagradável solução para os nossos problemas, mas é uma solução segura. Soluções mais amenas poderão ser fracas demais para darem conta da situação, e o nosso tempo está chegando ao fim.

CAPÍTULO 5

“Quando as Tuas Misericórdias, Ó Senhor”

Não muitos dos grandes literatos alcançaram proeminência na Igreja do Primogênito. Tem havido, entretanto, algumas exceções. Entre elas podemos citar John Milton, George Herbert e Joseph Addison.

Entre as jóias deixadas para nós por Addison acha-se um hino de ações de graças, cujo título é "Quando as Tuas Misericórdias, O Senhor". Este hino aparece em vários hinários evangélicos e é cantado sempre que se deseja trazer uma requintada poesia ao louvor no culto:

Quando as tuas misericórdias, ó Senhor,
A minh'alma contempla, extasiada,
Ela fica totalmente tomada, Pela
maravilha do louvor e do amor.

A figura das misericórdias de Deus espaiadas num vasto e multiforme cenário, em si mesma é algo tremendamente belo. Quando se lhe é acrescentada a imagem da alma como que acordando de um sono culposo para com atenção contemplar, extasiada, essa vista que não tem fim; quando vemos a alma de repente ser tomada por um gozo por tudo o que vê, até cair em si como que num glorioso desmaio, dominada "pela maravilha do louvor e do amor", temos em nossa mente uma imagem tão bela que requer que uma música a expresse.

Ele ainda canta:
São milhares de preciosas dádivas
Pelas quais agradeço a cada dia;
E com um coração mais que exultante,
Eu as usufruo com alegria.

Eis aqui o verdadeiro espírito de ação de graças. Aqui há compreensão do que agrada a Deus quando aceitamos e fazemos uso de suas dádivas. E é "um coração mais que exultante" o único tipo de coração que pode experimentar aquelas dádivas com segurança. Em outra parte nestas páginas expresse a ideia de que a nossa dívida para com Deus é tão grande que nada menos do que ações de graças diárias são necessárias para satisfazer o nosso coração e para agradar o coração de Deus.

Enquanto Addison tinha em mente principalmente as dádivas que Deus faz cair sobre nós aqui em baixo neste mundo, ele era crente o bastante para saber que as dádivas de Deus e as nossas ações de graças não cessarão com a nossa morte. Assim ele cantou:

Em minha vida em todo instante,
Tua bondade buscarei.
E ao morrer, num mundo distante,
Tal glória de novo acharei!

É bem nesse espírito que o poeta chamaria o seu genro a seu lado no fim da vida e lhe diria: "Veja com que paz um crente pode morrer."

CAPÍTULO 6

Quanto à Luta em Oração

Há uma ideia circulando por aí que lutar em oração sempre é uma boa coisa, mas isso certamente não é verdade. Exercícios religiosos extremos podem ter sido realizados com uma motivação não maior do que a de alcançar as coisas do nosso modo. A qualidade espiritual de uma oração é determinada não por sua intensidade, mas sim por sua origem. Na avaliação de uma oração deveríamos verificar quem está orando: o nosso coração com um propósito, ou o Espírito Santo? Se a oração tem a sua origem no Espírito Santo, então a luta espiritual pode ser bela e maravilhosa; mas se somos vítimas de desejos profundamente alimentados em nosso coração, a nossa oração pode tornar-se tão carnal quanto qualquer outro ato.

Dois exemplos são dados no Antigo Testamento, o de Jacó e o dos profetas de Baal. A luta de Jacó foi literal. O texto diz: Ficando ele só; e lutava com ele um homem, até ao romper do dia. Obviamente o "homem" era o agressor, não Jacó, mas quando Jacó foi atingido ele tornou-se o agressor e clamou: "Não te deixarei ir, se me não abençoares". A luta foi de origem divina, e as bênçãos que resultaram são conhecidas de todo estudante da Bíblia.

O outro exemplo não termina assim tão bem. Os profetas de Baal também lutaram, com muito mais violência do que Jacó, mas lutaram na carne. Seus escritos provinham da ignorância e da superstição e não os levaram a nada. Tudo era errado - o zelo deles, suas orações com autoflagelo, e o que pretendiam. Eles incorriam em erro, apesar de toda a sua zelosa prática de orações. E esse erro não morreu com eles.

Apenas o Espírito pode orar eficazmente. "Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis."

CAPÍTULO 7

A Nossa Maior Necessidade: Homens

O que mais a igreja necessita neste momento é de homens, homens do tipo certo, corajosos. O que se fala é que precisamos de um avivamento, que temos necessidade de um novo batismo no Espírito Santo - e Deus bem sabe que dessas duas coisas necessitamos - mas Deus não trará um avivamento para os ratos. Nem encherá os coelhos com o Espírito Santo.

Ansiamos por homens que se sintam prescindíveis na guerra da alma por já terem morrido para com as tentações deste mundo. Tais homens são os que foram libertos das compulsões que controlam os que são mais fracos. Eles não serão forçados a fazer coisas pela imposição das circunstâncias. Sua única compulsão virá do seu próprio interior - ou de cima.

Essa liberdade é necessária, se é que queremos ter profetas em nossos púlpitos novamente, em vez de mascotes. Esses homens libertos servirão a Deus e aos homens com uma motivação ao elevada que não será compreendida pelas pessoas comuns religiosas que entram e saem do santuário. Eles nada decidirão compelidos pelo medo, nada farão simplesmente para agradar, não aceitarão serviço algum por razões financeiras, não realizam nenhum ato religioso simplesmente por ser um hábito, nem se deixarão ser influenciados pelo amor à publicidade ou pelo desejo de alcançarem uma boa reputação.

Muito do que a igreja - até mesmo a igreja evangélica está fazendo hoje em dia está sendo feito porque ela tem medo caso não faça. Associações ministeriais assumem projetos por terem sido levadas pelo medo a assumilos. Seja o que o seu reconhecimento bisbilhoteiro e o seu medo os levar a acreditar - ou a temer, crendo que é o que o mundo espera que eles façam, isso estarão fazendo na segunda-feira seguinte com todo tipo de zelo forjado e de demonstração de piedade. E a pressão da opinião pública que chama esses profetas, não a voz do Senhor.

A verdadeira igreja nunca sonda quais são as expectativas das pessoas em geral, antes de se lançar a realizar alguma campanha. Seus líderes ouvem a voz de Deus e vão em frente, quer tenham apoio popular

quer não o tenham. Agem por saberem que é a vontade de Deus, e os que com eles estão os seguem - às vezes para o triunfo, mas com frequência para o recebimento de insultos e perseguição pública - sendo a sua única recompensa a satisfação de estarem fazendo o que é certo num mundo errado.

Uma outra característica do verdadeiro profeta é o amor. Aquele que está liberto, que aprendeu a ouvir a voz de Deus e que tem ousado obedecê-la, é o que sente a mesma carga moral que quebrou o coração dos profetas do Antigo Testamento, que comprimiu a alma de nosso Senhor Jesus Cristo, e que arrancou torrentes de lágrimas dos olhos dos apóstolos.

Aquele que está assim liberto não é nunca um tirano religioso, e nunca procura dominar sobre o patrimônio de Deus. E o temor e a falta de autoconfiança que têm feito com que alguns tenham tentado trazer outros para estarem debaixo de seus pés. Eles podem ter tido algum interesse em protegê-los, ou uma certa posição para manter, e assim exigem a sujeição de seus seguidores como uma garantia de sua própria segurança. Mas isso nunca acontece com os homens libertos, nunca. Estes não têm nada a proteger, nenhuma ambição a perseguir e inimigo nenhum a temer. Desse modo são completamente descuidados em relação aos demais. Se estes os seguirem, muito bem. Se não, não tem nada a perder. Mas, sendo aceitos ou rejeitados, continuarão a amar o seu povo com uma sincera devoção, e apenas a morte poderá silenciar a terna intercessão que fazem por eles.

Sim, para que o cristianismo evangélico permaneça vivo, ele precisa ter homens de novo - homens do tipo certo. Ele tem e repudiar os fracos que não ousam falar com liberdade, e tem de buscar em oração e com muita humildade a vinda de homens da estirpe dos profetas e dos mártires. Deus ouvirá os clamores do seu povo tal como ele ouviu os clamores de Israel no Egito, e ele trará libertação pelo envio de libertadores. Este é o seu modo de agir.

E quando os libertadores chegarem - reformadores, avivalistas, profetas - eles serão homens de Deus e homens de coragem. Eles terão Deus do seu lado por terem tido o cuidado de permanecer ao lado de Deus. Eles serão colaboradores de Cristo e instrumentos nas mãos do Espírito Santo. Tais homens serão batizados de fato com o Espírito, e por suas obras o Senhor batizará outros e enviará o avivamento tão esperado.

CAPÍTULO 8

À Pessoa Espiritual

Quase todo cristão deseja ser espiritual, mas apenas alguns sabem o que isso significa. Muito alívio sem base poderia ser eliminado e muita consolação verdadeira poderia ser recebida se puséssemos as coisas em ordem.

É difícil para nós nos desvencilharmos da noção de que uma pessoa é tão espiritual quanto sinta que é. A nossa espiritualidade raramente está em harmonia com os nossos sentimentos. Há muitas pessoas carnais cujas emoções religiosas são sensíveis a toda impressão, e que se esforçam por se manter num certo plano elevado de satisfação interior, mas que não tem as marcas da piedade sobre si. Tais pessoas recebem tudo com muita rapidez, e se deixam tomar por quase qualquer coisa religiosa imediatamente. Suas lágrimas são mais aparentes do que reais, e suas vozes carregam em si um grande conteúdo emocional. Tais pessoas têm a reputação de serem espirituais, elas chegam facilmente a acreditar que são. Mas não é bem assim, as pessoas espirituais são indiferentes em relação a seus sentimentos elas vivem pela fé em Deus e dão pouca atenção as próprias emoções. Elas pensam os pensamentos de Deus e as coisas tal como Deus as vê.

CAPÍTULO 9

Os Recursos Que Temos para os Próximos Anos

O costume de dividir o tempo em anos é sem dúvida totalmente arbitrário e até mesmo um tanto mal feito. Isso requer que tenhamos uma mente perspicaz para nos lembrarmos de que o tempo não está sujeito ao calendário e que os anos não vêm em pacotes bem feitos como acontece com os corn flakes. Não vêm ainda em porções bem acabadas tais como numa rama de salsichas. Num certo sentido um ano novo inicia-se no momento em que quisermos. Os diversos povos do mundo não entraram num completo acordo quanto ao término do ano e o seu novo início, mas nós podemos dar início a um novo ano na hora em que nos propusermos a reorganizar moralmente a nossa vida e convidarmos a Cristo para tornar-se nosso Senhor e Salvador. Nesse momento tornamo-nos novas criaturas - um novo nome é escrito então na glória e o nosso ano novo inicia-se. A essa reorganização moral chamamos de arrependimento, e o ato de se tornar uma nova tara, de regeneração. A alma que passou por tão maravilhosa transformação muito provavelmente dará uma importância muito maior a esse início do que ao do ano novo oficial.

Como cristãos olhamos tudo de maneira diferente. O mundo em quem confia e o que quer - conhece os seus tesouros e o que não confia em si mesmas. Elas preocupam-se mais com a obediência do que com a felicidade. Isso pode soar como sendo não muito do nosso agrado, talvez, mas é o que passará pela prova de fogo os constitui; sabe o que tem de ser feito para fazê-lo feliz e com sucesso no ano que está à frente. Já os cristãos sentem-se de modo totalmente diferente quanto a tudo isso, e nisso eles não estão simplesmente tendo uma posição oposta à do mundo - eles estão seguindo a segura sabedoria do reino de Deus. Eles sabem que são filhos da eternidade e que não dependem das coisas temporais.

As pessoas do mundo, por exemplo, esperam ter vida, saúde prosperidade financeira, paz entre as nações, e um conjunto de circunstâncias favoráveis. Essas coisas são os recursos de que dispõem, sobre os quais descansam. Eles olham para elas tal como uma criança olha para a sua mãe, de quem recebe todo o cuidado.

Os cristãos não desprezam essas coisas temporais e, se as recebem, eles as santificam, recebendo-as com oração de grande gratidão diante de Deus. Mas eles sabem que o seu bem-estar eterno não depende delas. Essas bênçãos tanto podem vir como ir embora, mas os verdadeiros cristãos habitam em Deus de maneira que nenhum mal pode atingi-los e de forma que são ricos além do que a sua mente pode compreender - e isso totalmente à parte de qualquer circunstância terrena.

Os cristãos esperam que haja paz, mas se a guerra vier, ela não lhes poderá roubar nada que seja essencial ao eterno bem-estar deles. Eles esperam que haja paz, mas acham-se preparados para sacrificar voluntariamente sua vida se for necessário, para não se desviarem da retidão. Eles esperam ter sucesso financeiro, mas se isso não acontecer, eles já aprenderam a estar contentes com as coisas que possuem. E/es esperam que o mundo lhes seja cordial, mas, se não for, não ficarão apavorados, porque se lembrarão das palavras ditas pelo nosso Senhor "No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo. "

Os recursos deste mundo são bons à sua maneira, mas têm um defeito fatal: são incertos e transitórios. Hoje podemos tê-los; amanhã não os teremos. É assim com todas as coisas terrenas desde que o pecado veio perturbar a bela ordem da natureza e tornou a raça humana vítima do acaso e de transformações.

Desejamos para todos os filhos de Deus uma medida completa de toda benção que seja pura e confiável, que possa ser trazida da terra e pelo céu. Mas se pela soberana vontade de Deus algo vier contra nós, o que nos restará? Se a guerra tornar-se extremamente sangrenta, se a perseguição vier, se a vida e a saúde ficarem em perigo, o que dizer de nossos recursos eternos?

Se as bases do mundo desmoronarem, ainda assim teremos Deus, e nele teremos tudo o que é essencial para o nosso ser resgatado, por todo o sempre. Temos Cristo, que também morreu por nós e que agora se assenta à direita da Majestade no céu, intercedendo constantemente e com eficácia por nós. Nós temos as Escrituras, que nunca falham. Temos o Espírito Santo, para interpretar as Escrituras para a nossa vida interior e para nos ser um Guia e um Consolador. Temos a oração e temos a fé, as quais trazem o

céu à terra e tornam doce tudo o que é amargo. E se o que é mau ficar pior por aqui, teremos a casa de nosso Pai e as suas boas-vindas.

CAPÍTULO 10

Fiquemos com as Escrituras

Uma certa escola de pensamento cristão divide a graça de Deus em dois tipos: "a graça da aliança" e a "graça fora da aliança" - a primeira sendo a graça de Deus que opera através do evangelho, e a segunda sendo a graça de Deus que pode operar, na soberania de Deus, fora e à parte das alianças da Palavra. Essa graça fora da aliança seria aquela pela qual Deus encontrou-se com os homens e os abençoou antes de as alianças das Escrituras terem sido concretizadas. Ela pode também explicar como Deus tem iluminado a consciência humana e tem atraído os homens ao amor da bondade mesmo onde a Palavra de Deus ainda não foi pregada

Este é um fascinante fragmento de uma doutrina de menor importância - e parece não haver como prová-la, mas seria uma total tolice colocar qualquer confiança nela. Se Deus pudesse operar satisfatoriamente fora de suas sagradas alianças, as quais são reveladas nas Escrituras, seria difícil entender por que ele tanto se esforçou para estabelecer seus grandes pactos tanto espirituais com a humanidade, fazendo-os ser escritos na Palavra da verdade para o nosso esclarecimento.

Não há uma só fonte de luz concernente a graça de Deus - as sagradas Escrituras, o que for que Deus esteja dizendo ou possa dizer a consciência da humanidade, ele fala com um enfoque redentivo pelos profetas e pelos apóstolos, e por ele tão somente. Todo testemunho autêntico sobre a salvação centra-se na cruz de Cristo, de onde soa para atingir todo o mundo.

CAPÍTULO 11

Uma Nova Abordagem a Uma Velha Questão

A propensão para aceitar que toda ênfase atualmente dada em questões espirituais é a única que é de acordo com as Escrituras é algo que está arraigado em nossa natureza, pois isso nada mais é do que o antigo amor que temos pelo status, comum a todas as pessoas em todos os campos do pensamento humano. Uma idéia nos é passada por quem respeitamos; confirmamos as referências, aceitamos a idéia, achamos que ela satisfaz à nossa mente, e então imediatamente a identificamos com a ortodoxia. Depois disso julgamos as pessoas pelo teste de estarem subscrevendo ou não essa posição. Naturalmente resistimos a qualquer sugestão para a qual seja necessário algum acerto para fazê-la conforme as Escrituras e a fé histórica dos cristãos.

A afirmação de que a escatologia dos últimos cem anos (sustentada agora pela maioria dos fundamentalistas) não concorda com todos os seus detalhes com as crença dos pais da igreja é condenada como uma heresia grosseira por muitos cristãos dos e hoje. Mas os fatos são fáceis de se conferir, basta dar-se trabalho de ler e de estudar por si mesmo essa matéria. A maneira de se explicar a divergência, onde ela ocorre é afirmar de forma generalizada, que os grandes cristãos do passado, que não sustentavam a nossa visão quanto à profecia eram simplesmente desprovidos de uma visão correta. Eles eram bons cristãos, certamente, mas não tiveram como chegar ao nível em que nós chegamos no que se refere à visão profética. Os Wesleys, por exemplo, e homens tais como Edwards, Knox e Rutherford foram excelentes, mas deixaram muito a desejar, infelizmente, no que se refere ao conhecimento de toda a verdade dos tempos finais.

Não levando em conta o fato de que o mesmo argumento é promovido também pelas Testemunhas de Jeová e pelos Adventistas de Sétimo Dia para justificar suas respectivas posições, há pelo menos uma outra razão para rejeitar este modo tão engenhoso de explicar as coisas - ele nos coloca na incômoda posição de termos de assumir uma superioridade em relação a pessoas que o mundo todo reconhece terem sido infinitamente

superiores a nós em todas as qualidades que contribuem para uma grandeza espiritual. Não querendo ser irreverente, poderíamos dizer que se Augustine e Bernard e Watts e Andrewes (teólogo inglês, 1555 - 1626) tornaram-se ardorosos cristãos, como sabemos, conquanto ainda cegos diante da verdade da profecia, e se os fundamentalistas modernos são os cristãos que são, mesmo sendo tão abençoados por terem todo o conhecimento profético, então certamente vale a pena ser ignorante!

Cristo vai voltar a terra para despertar os santos que dormem e para glorificar aqueles que lhe são fiéis e que estiverem vivos na sua volta. Cremos que sua volta é a esperança da igreja, esperança que por si só torna a vida na terra tolerável para nós. Mas desejar saber o que Deus revelou acerca do futuro, não aceitando cegamente o que qualquer escola de pensamento profético nos queira forçar a aceitar, será isso incompatível com a nossa crença quanto à volta de Cristo? Será que não é espiritual ansiarmos pela verdade em vez de seguir, sem examinar, ensinamentos escatológicos que eram desconhecidos dos santos do passado? Cremos que tal anseio não é nem incompatível nem antiespiritual.

E chegou o tempo para o ministério de mestres que minem toda a questão profética à luz das Escrituras, que não se sintam tolhidos, por respeito aos grandes nomes do último obstáculo, mas que venham a conferir os ensinamentos dos tempos atuais com os dos grandes cristãos do passado, permitindo aquelas posições tenham ao menos tanto peso quanto as posições dos mestres de hoje. Necessitamos de pessoas que, com coragem, falem com autoridade espiritual; não pessoas que se satisfazem meramente em repetir, tal como um papagaio, as posições de alguns especialistas em profecia que chegaram às suas atuais convicções através da leitura de livros sem nenhum estudo das Escrituras.

Talvez, por fim, o maior de todos os problemas que temos quanto à profecia seja uma questão de prontidão, mais do que uma questão de conhecimento. Pode ser que nem sempre tenhamos certeza de termos todos os detalhes de forma correta, mas não podemos abrir mão de nosso preparo espiritual e moral para o grande dia da volta do Senhor. "Sede vós também pacientes e fortalecei o vosso coração, pois a vinda do Senhor está próxima."

CAPÍTULO 12

Livros e Padrões de Moral

O já falecido Jimmy Walker, prefeito playboy de Novalk, em seus anos de sucesso na década de 1920, era amplamente citado de forma sarcástica como sendo a essência destilada verdade do evangelho, para aqueles que quisessem acreditar "Nunca ouvi falar", disse Jimmy, "de alguém que tenha sido ruído por um livro".

Estas palavras foram proferidas, pelo que podemos lembrar durante um inquérito oficial sobre o efeito de certa literatura duvidosa sobre a moral do público leitor. Bem, não podemos provar que o Sr. Walker tenha ouvido dizer que alguém teria sido arruinado por um livro, mas isso só pode significar que seu conhecimento sobre a matéria era muito pequeno, ou que sua ideia do que significa ser "arruinado" não era a mesma pessoas mais conscienciosas da nossa população que se sentem atingidas pelo efeito da má leitura sobre a mente coletiva seja como for, a conclusão de Walker de que ninguém jamais foi arruinado por um mau livro é cem por cento falsa. Os fatos lhe são contrários.

A história pode mostrar que livros maus têm arruinado apenas pessoas individualmente, mas nações inteiras também. O que as obras de Voltaire e de Rousseau fizeram à França. Elas são bastante conhecido para que nos delonguemos aqui. Ainda, não seria difícil estabelecer um relacionamento de causa e efeito entre a filosofia de Friedrich Nietzsche e a carreira sangrenta de Adolph Hitler. Certamente as doutrinas de Nietzsche apareceram de novo na oratória do Führer e logo se tornaram a linha oficial do partido para os propagandistas nazistas. E dificilmente admitiríamos que o comunismo teria surgido na Rússia mesmo que não tivesse havido a obra de Karl Marx.

A verdade é que os pensamentos são realidades e as palavras são sementes. A palavra impressa pode permanecer incógnita tal como uma semente por todo um inverno, para aflorar quando for um tempo favorável, produzindo uma abundante safra de crenças e práticas. Muitos dos que são hoje membros de grande utilidade na igreja foram trazidos a Cristo pela leitura de um livro. Milhares têm testemunhado quanto ao poder de um

humilde folheto para trazer a mente e a atenção da pessoa a Deus e à salvação.

Até que ponto toda essa má literatura tem contribuído para a presente situação de queda da moralidade em nosso país é algo que não será conhecido até o dia em que os homens forem chamados a prestar contas de suas obras impiedosas diante de um Deus santo. Para milhares de jovens a primeira dúvida quanto a Deus e quanto à Bíblia proveio da leitura de algum livro mau. Temos que respeitar o poder das ideias. As ideias que são impressas são tão poderosas quanto as que são faladas - aquelas podem retardar um pouco mais, porém o seu poder explosivo é igualmente enorme.

O que isso nos acrescenta é que nós cristãos temos que nos engajar, com toda convicção, a desencorajar a leitura de literatura nociva e a promover, tanto quanto possível, a circulação de bons livros e de boas revistas. A nossa fé cristã ensina-nos que daremos conta de cada palavra frívola que proferirmos, no Dia do Juízo. Então, com que severidade seremos responsabilizados por toda palavra má, escrita ou falada?

Tolerância para com a literatura perniciosa não é uma característica de uma abertura intelectual - pode ser, sim, um sinal de uma secreta simpatia pelo mal. Cada livro deve ser aceito ou rejeitado por seu próprio mérito, totalmente, sem se levar em conta a reputação do seu autor. O fato de que um livro que não presta ou que seja indecente seja obra de um escritor "bem aceito" não o torna menos danoso. Se um livro não presta, não importa a sua origem. Os cristãos devem julgar um livro por sua pureza, não pela reputação do autor.

O desejo de demonstrar ter uma mente tolerante ou aberta não é fácil de ser contido, porque ele tem a sua raiz em nosso "eu" e é simplesmente uma não tão sutil forma de orgulho. Em nome da tolerância, muitos lares cristãos têm sido abertos a uma literatura proveniente não de uma mente aberta, mas de uma mente obtusa, suja e poluída pelo mal.

Exigimos de nossos filhos que limpem os pés antes de entrarem em casa. Como exigir menos da literatura que chega em nosso lar?

CAPÍTULO 13

Ficando Menor, Quando Se Quer Crescer

Há algum tempo ouvimos uma palestra de curta duração dada por um jovem pregador, na qual ele citou o seguinte: "Se vocês são grandes demais para um lugar pequeno, então vocês são pequenos demais para um lugar grande."

Uma regra um tanto estranha do reino de Deus diz que quando tentamos crescer, então é que ficamos menor. Deus é zeloso em relação à sua glória e não permitirá que ela seja dividida com ninguém. O esforço de aparentar-se grande trará um desprazer para Deus sobre nós e de fato nos impedirá de alcançarmos a grandeza pela qual tanto nos esforçamos.

A humildade agrada a Deus onde quer que se encontre, e a pessoa humilde terá Deus como amigo e como seu ajudador sempre. Somente os humildes é que são completamente sãos, pois apenas eles é que vêm claramente o seu próprio tamanho e as suas limitações. Os egoístas vêm tudo fora de foco. Eles consideram-se grandes e Deus, em contrapartida, pequeno, e isso é um tipo de insanidade moral. A humildade caracteriza-se por ser uma volta à sanidade, tal como aconteceu com Nabucodonosor. O homem humilde avalia tudo corretamente, e isso o torna sábio e filósofo.

CAPÍTULO 14

Ter Iniciativa, Ser Conservador ou Ser Criativo?

Deus é criativo. Ele não abandonou a sua posição de Criador, embora a obra específica da formação do primeiro céu e da primeira terra há muito que já se completou.

O Espírito Santo, na condição de um dos membros da Divindade, é também criativo. Ele sempre está trazendo à existência coisas novas, dando fim e início a movimentos, sempre fazendo "todas as coisas novas". Onde quer que ele esteja operando, os resultados serão criativos e não conservadores, embora devêssemos saber que ele também conserva tudo o que cria. Criar e não conservar seria o mesmo que desperdiçar o próprio ato da criação. Mas toda a psicologia do Espírito é no sentido da criação de novas coisas, muito mais do que com cautela preservar o que foi criado.

Deve ser dito que o Espírito Santo sempre cria alguma coisa de acordo com o seu caráter absolutamente como Deus. Ele marca tudo o que faz com o selo da eternidade. Tudo tem a qualidade de ser eterno, com a característica da dignidade e da santidade da Divindade.

Quando o Espírito Santo é ignorado ou rejeitado, os cristãos são forçados a eles mesmos criarem algo, ou então fossilizar completamente. Algumas igrejas aceitam a fossilização como sendo a vontade de Deus e dedicam-se ao trabalho de preservar o seu passado - como se isso fosse necessário. Outras procuram ter uma aparência moderna, e imitam as atividades atuais que ocorrem no mundo com a ideia equivocada de que estão sendo criativas. Seguem uma certa moda, mas as criações feitas com todo o seu poder criativo não passam de coisas sem valor algum; são meras imitações do mundo e totalmente desprovidas de qualidades eternas - de santidade e de dignidade espiritual. A marca do Espírito Santo não se faz presente.

Todos os líderes religiosos deveriam lembrar-se de que ou deixarão que o Espírito Santo trabalhe por meio deles ou então o seu trabalho será em vão. Todo edifício religioso cheio de orgulho que seja erigido pelo zelo e pelo trabalho da carne perecerá com o forte fogo do juízo. Aos olhos da

humanidade tais trabalhos podem ser dignos de elogio, mas perante Deus os resultados serão madeira, feno e palha.

E difícil imaginar uma desilusão mais dolorosa do que chegar ao trono do juízo de Cristo e descobrir que em toda a nossa vida terrena estivemos esforçando-nos em nossa carne, nunca permitindo que o criativo Espírito Santo trabalhasse em nós o que lhe era agradável.

Assim, todos os cristãos e todas as igrejas dedicam-se a uma dentre três atividades: guardam o passado que já é morto; criam novas palhas secas que perecerão com a carne; ou trabalham em cooperação com o Espírito Santo numa constante criação de tesouros eternos que durarão para sempre.

CAPÍTULO 15

O Que Mais Importa É a Motivação

A grande questão finalmente não será propriamente "O que você fez?", mas sim "Por que você o fez?" Nos atos morais, o que vale é a motivação. É claro que é importante fazer a coisa certa, mas é ainda mais importante fazer a coisa certa tendo uma razão certa.

A intenção é uma grande parte da ação, seja quando praticada por pessoas boas ou más. Aquele que deseja a morte do seu inimigo já o matou, aos olhos de Deus. "Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela." Não o ato em si, mas a vontade e a intenção o tornam culpado.

Todo ato praticado tendo um propósito mau ou egoísta é um ato maligno, não importando o quão bom ele, por si, possa parecer. Todo ato feito com base no amor é um ato bom, mesmo que por ignorância ou por alguma falha o resultado não seja bom para a pessoa em questão. Uma mãe cristã, por exemplo, que se levanta de madrugada para cuidar de um filho que está enfermo, porque o ama e lhe deseja todo o bem, está desempenhando um ato bom, mesmo que, na sua ignorância ela esteja na verdade causando algum mal à criança, por não lhe dar um atendimento adequado. E a mãe, que se levantasse bastante irada por ter que cuidar de uma criança que ela odeia, estaria praticando um ato mau, mesmo que, sendo mais capacitada, ela lhe prestasse um atendimento bem melhor ou mais adequado.

Temos que considerar as nossas motivações com muito cuidado. Um dia, que não está longe, as nossas motivações nos abençoarão ou nos amaldiçoarão. E com respeito a elas não haverá como apelar, pois o Juiz conhece os pensamentos e as intenções do coração.

CAPÍTULO 16

Algo Além da Canção

Há uma noção bastante difundida, sustentada entre os cristãos, de que uma canção é a expressão mais elevada da alegria do Senhor na alma de um ser humano. Essa ideia acha-se tão próxima de ser verdadeira que pode até parecer uma certa agressão espiritual contestá-la. Não é nosso desejo procurar achar remendos teológicos ou arrancar as asas das moscas religiosas pela comoção que um ato sádico assim poderia despertar. Provavelmente há centenas de noções erradas em nossa mente, noções que, embora sejam erradas, são por demais sem importância para merecer a nossa atenção. São tais como as pequenas manchas no corpo que todos temos, inofensivas, mesmo sendo antiestéticas, e por demais triviais para serem consideradas por pessoas sérias.

A ideia, porém, de que a canção é a suprema expressão de toda e qualquer experiência espiritual não é algo assim tão diminuto; pela sua dimensão e pelo seu significado precisa ser testada pelas Escrituras e pelo testemunho cristão. Tanto a Bíblia como o testemunho de milhares de santos demonstram que há algo que se possa experimentar, além da canção. Há certos prazeres, que o coração pode gozar em temor diante da presença de Deus, que não podem ser expressos por meio da linguagem. Quando as canções entram em colapso pelo peso da glória, então surge o silêncio, onde a alma, tomada por uma profunda fascinação, sente-se abençoada com um extremo gozo, inexprimível por palavras.

Mesmo correndo o risco de ser taxado de extremista ou de quem esteja à beira do fanatismo, o que temos a dizer, como uma palavra bem amadurecida por nós, é que um progresso espiritual bem maior pode ser alcançado num curto momento de silêncio completo com temor diante da presença de Deus do que em anos de estudos, tão somente. Enquanto nossos poderes mentais estiverem no comando, haverá sempre o véu da natureza entre nós e a face de Deus. E apenas quando a nossa tão ufanada sabedoria for descoberta e vencida num encontro que nos paralise diante do Onisciente é que teremos permissão de realmente ter conhecimento; é quando prostrada e sem palavras, a alma receber o conhecimento divino tal como um raio de luz num filme sensível. A exposição pode ser instantânea, mas os seus efeitos são permanentes.

CAPÍTULO 17

O Uso Indevido das Escrituras

De todos os livros deste mundo, o mais citado, o que tem sido mais mal entendido e do qual se tem feito mais mal uso é a Bíblia. O erro que gera todo esse enorme mal uso das Escrituras é o entendimento de que tudo o que está escrito na Bíblia aplica-se indiscriminadamente a todas as pessoas. Este é um grande erro - todo pensador atencioso não deveria cair nesse engano. A Palavra de Deus é dirigida apenas a determinadas pessoas - isto é, àquelas que têm um relacionamento especial com Deus, segundo a aliança da redenção. Assim como as nações dos gentios não podiam valer-se das promessas das alianças que Deus tinha feito com Israel, da mesma forma os direitos e as promessas dados àqueles que se arrependem e que creram em Cristo não têm valor para os que não são nem crentes nem arrependidos.

As sagradas palavras de Jesus - "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos" Jo 15.13 - têm sido aplicadas a quase todos os que deram a sua vida no cumprimento do dever, tal como um policial em sua ronda, um médico que se arrasta para dentro de uma mina para atender a um ferido, ou um soldado que morre no campo de batalha. Essas palavras são usadas para enaltecer os atos de muitos homens que eram tudo menos crentes e que até mesmo dariam risada dessa comparação, se estivessem vivos para saber o que estava acontecendo. Cristo estava falando de si mesmo e do seu sacrifício na cruz que se aproximava. O contexto deixa isso claro, e quando aplicamos as palavras de outra maneira, fazemos isso como um ato autoritário nosso e sob um risco que assumimos.

Adiai Stevenson, que no passado foi governador do estado de Illinois, nos Estados Unidos, quando estava em meio ao processo de decidir quanto a aceitar ou não o seu nome como um candidato à presidência, pelo que foi amplamente noticiado ele tinha uma forte indisposição em relação a isso. Referiram-se a ele como tendo repetido as palavras de Cristo no Jardim do Getsêmani: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres."

Bem, há uma remota possibilidade de um verdadeiro santo de Deus, num momento de um grande quebrantamento de coração, em oração, numa postura tranquila e reverente, poder citar essas palavras do Salvador, aplicando-as ao seu caso pessoal. Mas o uso dessas palavras numa convenção política veio como um balde de água fria sobre o rosto dos que as ouviram. Em meio a intermináveis rajadas de gritos discordantes, a pomposas declarações não comprovadas de realizações, a denúncias abusivas e maldosas de outras pessoas deles discordantes, a atos sem sentido e imbecis de demonstrações em níveis infantis, a toques de corneta e outras manifestações, a lisonjeios e bajulações, e a visíveis mentiras, não dá para ver como o espírito das palavras solenes e dolorosas do nosso Senhor puderam ter lugar ali. Todas as convenções políticas são iguais, não importando o partido, e se Cristo aparecesse numa delas e exigisse que o seu senhorio fosse reconhecido e os seus mandamentos obedecidos, sua voz seria imediatamente abafada e ele seria levado do local por um segurança. Contudo suas palavras são citadas como aplicáveis naquele lugar - certamente constituindo isso um mal uso das Escrituras.

Uma vez conhecemos um jovem um tanto desregrado que, apesar de sua vida libertina, orgulhava-se do número de versículos da Bíblia que sabia de cor. Numa noite, passando por um duro momento de arrependimento e angústia, ele renunciou a todo pecado e buscou a salvação em Cristo. Sua condição parecia estar sem solução, mas ele perseverou com o desespero da fé. Por fim irrompeu a luz e ele entrou na vida. Falando sobre isso depois, ele admitiu, com um irônico sorriso, que na hora da sua agonia todos os versículos bíblicos que ele conhecia tinham fugido da sua mente, exceto um: "Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível"

O Espírito Santo reserva-se o direito de ativar a verdade na alma daqueles que vêm a Deus na mansidão da humildade, mas um uso descuidado e irreverente das palavras da Bíblia não resulta em bem algum e pode até mesmo causar um mal irremediável.

CAPÍTULO 18

Meditando em Meio a Folhas Que Caem

Aqui no norte, onde vivo, os campos estão tornando-se da cor da terra e as árvores da região, conhecidas como bordos, vestem-se de vermelho pelos caminhos e nos gramados dos vilarejos, por toda a parte. O ar é levemente adocicado com o incenso de folhas que se queimam, numa celebração em que o homem e a natureza juntam-se para festejar a passagem do verão e a chegada dos "dias melancólicos" do outono, a respeito dos quais o bom e velho Bryant cantou. O céu está no seu azul, e o sol brilha bem forte, embora sua luz seja emudecida pela fumaça de milhares de pequenas fogueiras alimentadas por folhagens esmaecidas, em guirlandas naturais, que há poucos dias coroavam as orgulhosas frentes daquelas árvores.

A verdade é que no momento em que estou escrevendo estamos tendo os últimos dias quentes do outono deste ano, e agora a qualquer noite destas poderá até gear, ou quem sabe logo teremos os primeiros flocos de neve, que por si mesmos não nos mostrarão o rigor do inverno que por certo logo chegará.

Ainda está quente, e as características do verão de todo ainda não desapareceram, mas uma coisa está faltando: o som dos Pássaros que ultimamente ouvíamos em nosso vilarejo, no campo, e até mesmo às vezes no centro das grandes cidades. Os bosques acham-se estranhamente em silêncio, agora, onde há bem poucas semanas milhares de vozes de pássaros entoavam o nascer e o pôr-do-sol.

Para onde foram eles, esses "Carusos" rústicos das árvores e dos arvoredos, esses "Asafes" do campo e das cercas-vivas? Que pena, mas eles se foram, deixando-nos no momento em que mais precisávamos deles. Eles fugiram para o sul para escapar até mesmo do primeiro sinal do inverno. Eles tinham se aninhado em nossas árvores e haviam se alimentado de nossas plantações enquanto o verão reinava sobre nós, mas esqueceram-se logo de tudo isso, e deixaram-nos sem nem mesmo nos acenarem um carinhoso adeus em sua partida. E ficamos um pouco ressentidos, porque os amávamos muito e, apesar das experiências passadas, confiávamos neles

também. Pensávamos que poderíamos confiar em quem possui uma melodia assim tão bela, porém mais uma vez nos enganamos - eles voltaram a trair a nossa confiança neles. Eles se foram, e enquanto estivermos tremendo de frio dentro de nossos agasalhos de inverno eles estarão voando por sobre os prados com muita vida, com muito calor e com muitas flores e insetos.

Bem, temos que perdoá-los, pois aparentemente eles foram feitos em sua natureza para habitar debaixo de um forte sol; o frio mata todo o seu entusiasmo e acaba com os seus cânticos. Eles são amigos do verão, e podemos aceitá-los tal como são. Mas o vôo dos pássaros do verão pode mostrar-nos um princípio moral, se formos suficientemente sábios para percebê-lo, e isso pode causar um certo constrangimento a alguns de nós. É que há cristãos que parecem ter sido feitos apenas para o verão. Eles precisam ter uma temperatura bem favorável para que possam agir como cristãos - eles nunca aprenderam a levar para si o clima de que gostam. Os que fazem tudo para gerar um incrível entusiasmo enquanto as coisas estejam indo bem desaparecem diante do primeiro sinal de que há algum problema. Eles não conseguem servir a Deus no inverno - são tal como os pássaros do verão. Eles nos abandonam com a aproximação do inverno.

Não pode haver dúvida alguma de que a cruz foi bem mais pesada para Cristo carregar por causa do que os seus discípulos fizeram - "Então, deixando-o, todos fugiram." Paulo conhecia aquele doentio e deprimente sentimento que a deserção traz, ao escrever: "Ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta" (2 Tm 4.16). Todo verdadeiro cristão, e não demorará muito, terá a oportunidade de compreender, num amargo momento de sua vida, essas palavras do apóstolo. Um número bem grande de amigos são apenas "amigos de verão".

Bem, o que fazer com esses amigos inconstantes? Ore por eles e deixe-os com o Salvador que morreu por eles. Ele sabe o que fazer melhor do que nós, e para ele é que eles darão contas no fim de suas vidas. Não nos deixemos ser afetados por eles em nosso espírito. Notemos apenas o fato da existência deles e então nos revestiremos com a proteção adequada para enfrentar o mau tempo em nosso serviço a Deus. Quando a primavera chegar, estaremos satisfeitos, mas recusamo-nos a fugir correndo das

tempestades do inverno. Temos que assumir os negócios de nosso Pai. Ele cuidará do tempo.

CAPÍTULO 19

Não Temos Que Defender, Mas Atacar!

Muitas das convicções da nossa fé são negativas. Agimos não a partir de uma convicção positiva de que algo está certo, mas de um sentimento de que o oposto é que está errado. Tornamo-nos alérgicos a certas crenças e práticas e reagimos violentamente fugindo delas. Desse modo as nossas reações tornam-se ações - somos levados à nossa posição pelo inimigo muito mais do que pela verdade.

O erro que há nesse modo de pensar que nos leva a agir assim é a presunção de que se alguém está errado num certo ponto, tal pessoa incorre em erro em tudo o mais; se sabemos que um liberal ou um partidário de alguma seita concorda com um determinado ensino, nós rejeitamos imediatamente tal ensino, não por sabermos qual é o seu erro, mas por sabermos quem é que o está sustentando. Pomo-nos, então, sempre na defensiva. Dirigimo-nos de volta à nossa posição tal como cavalos teimosos, em vez de prosseguirmos com a frente erguida, como ovelhas obedientes. Para não errarmos, assim pensamos, o que temos que fazer é observar o inimigo, é descobrir o que ele está apoiando, e então seguir o caminho oposto.

Não seria nada difícil provar que muitas de nossas crenças, que defendemos com o maior ardor, não são nada mais do que reações a questões que consideramos como sendo falsas doutrinas. A doutrina da justificação pelas obras (em si mesma sendo um erro terrível), por exemplo, tem levado alguns mestres a ensinar o erro igualmente danoso da salvação sem obras. A muitas pessoas o pensamento de "obras" é repugnante em razão de sua associação com o judaísmo que foi rejeitado na era do Novo Testamento. Como resultado disso, ficamos com uma salvação sem retidão em nossa vida, e ficamos com doutrinas certas sem boas obras. A graça é distorcida, sendo colocada fora de seu contexto moral, e acaba sendo a causa de baixos padrões de conduta na igreja.

Ainda, o medo do "legalismo" tem levado alguns homens de Deus a posições tão grotescas que chegam a ser ridículas. Há alguns anos, num boletim de uma igreja, dei-me com um caso assim de uma doutrina do tipo

negativo. Querendo tornar bem clara a diferença entre a lei e a graça, quem escreveu aquele artigo argumentou que se um assassino viesse a ele e lhe perguntasse como ser salvo, ele não diria: "Deixe a sua velha vida, não mais cometa crime algum, e creia em Jesus Cristo." De outro modo, disse ele, seria misturar a lei com a graça. Tudo o que teria que dizer, raciocinou ele. para estar de acordo com as Escrituras, teria sido: "Creia no Senhor Jesus Cristo e você será salvo." Um ensino herege assim não poderia ter vindo direta-mente das Escrituras - poderia tão somente ser o resultado de uma desesperada fuga a tudo o que pudesse corroborar para o erro da salvação pelas obras.

Temos observado que em muitas ocasiões agimos dessa mesma maneira na forma costumeira como reagimos em relação à ciência, à evolução e a várias filosofias atuais que cremos serem contrárias à fé cristã. A nossa reação a esses inimigos é como a de um vôo cego. Gastamos toda a nossa munição, mas a desperdiçamos numa ação de retaguarda que na melhor das hipóteses poderia apenas dificultar o que é evidentemente apenas uma retirada.

Temos plena convicção de que o cristianismo pode sustentasse sobre suas próprias pernas. Cristo não precisa de nossa nervosa defesa. A igreja não tem que se deixar fazer o jogo do inimigo, permitindo que o mundo incrédulo decida sobre o que se deve crer e sobre onde e quando agir. Enquanto a igreja estiver agindo dessa forma, ela estará deixando de usufruir de seus privilégios em Cristo Jesus.

“Recebereis poder” (At 1.8) - disse o Senhor aos seus discípulos - e "poder" significa "capacidade para fazer alguma coisa". É propósito de Deus dar-nos amplo poder para levar a luta até o inimigo em vez de ficarmos sentados e passivamente deixando que o inimigo leve a luta até nós. Quem tem que ficar na defensiva não deveria ser nunca a igreja. Esta verdade é evidente por si mesma e renova-se a si mesma - toda a sua psicologia é a do ataque. Um forte ataque é tudo o de que precisa para defender-se.

Será que por detrás de toda essa ação defensiva por parte de muitos evangélicos hoje em dia encontra-se a razão pela qual tantos líderes deixam de ter uma verdadeira experiência espiritual em sua vida? E difícil entender como alguém que tenha visto o céu aberto, e que tenha ouvido a voz de

Deus falando ao seu coração, possa ser tão inseguro quanto à mensagem que deve proclamar.

CAPÍTULO 20

Meditação da Páscoa

No hemisfério Norte a páscoa cai na estação da primavera, num tempo que é bastante apropriado para a celebração que fazemos da ressurreição de Cristo. E que na primavera a natureza desperta-se de sua longa hibernação, e na páscoa o pensamento dos cristãos em toda a parte volta-se para a maravilha que foi o Salvador ter deixado o túmulo vazio, saindo dele depois de ter enfrentado duramente o pecado e a morte. A ressurreição de Cristo foi um ato que se deu num dado momento da história. Isso não depende de forma alguma da estação em que celebramos, e se celebramos ou não esse fato histórico, que aconteceu uma só vez. Contudo podemos ver que as obras de Deus na natureza nos dão a entender as suas obras na redenção, e a primavera chega a ilustrar um pouco do milagre da vida na nova criação.

Nícolás Herman, aos 18 anos de idade, foi levado a Cristo por ver no meio do inverno uma árvore toda seca e sem folha alguma, quando considerou consigo mesmo que mudança a primavera faria naquela árvore. Ele raciocinou que se Deus podia alterar tanto uma árvore, ele poderia mudar o coração de um pecador também, e Deus não o decepcionou. O seu coração foi mudado, e a partir daquele dia ele devotou a sua vida ao serviço de Cristo. Um incontável número de cristãos nos últimos 300 anos tem dado graças a Deus por ter aquele jovem, de nome Nícolás, visto aquela árvore sem folhas.

Para aquele que se encontra em meio a um rigoroso inverno, tendo a seu redor uma paisagem de neve e gelo, sentindo o seu silêncio e o seu frio congelante, é necessário ter uma certa medida de fé para poder acreditar que em algumas poucas semanas todo indício do frio desaparecerá completamente, que as brancas colinas cobertas de neve ficarão vestidas de verde e que os riachos que se encontram petrificados de gelo estarão tendo a sua correnteza normal, debaixo de um sol de verão. Porém a nossa confiança nunca se decepcionará. "Ao Senhor pertence à terra,,e "a árvore... ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos."17

É difícil imaginar alguma coisa mais sem esperança do que um enterro. Quando o corpo de Cristo foi removido da cruz, envolvido num limpo pano de linho e colocado num novo túmulo que havia sido escavado na rocha, quantos dentre os que olhassem para aquele túmulo teriam alguma fé que lhes desse a esperança de ver em três dias aquele cadáver com vida permanente, andando de novo entre os homens? Mas foi isso que aconteceu. A vara de Arão floresceu. A árvore sem folhas em que o Salvador morreu encheu-se de flores. O que estava totalmente morto antes tornou-se vida com o toque de Deus, e a sua morte tornou-se o portal para a vida eterna.

A ressurreição de Cristo, repetimos, é algo que aconteceu uma só vez. "Sabendo que, tendo sido Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte não mais tem domínio sobre ele".¹⁸ Mas os cristãos morrem. A cada dia corpos de pessoas que eram crentes são levados ao cemitério e enterrados sob o cântico de suaves melodias e de citações das Escrituras feitas com muita ternura. Não importa o quanto queiramos ignorar o assunto, o fato é que os cristãos morrem, tal como o seu Senhor também morreu antes deles. Seu estado insensível, seu repentino e estranho silêncio, que não podem ser quebrados nem pela intercessão de um coração angustiado, mas com muito amor, sua aparente derrota diante das implacáveis forças da natureza - tudo isso atordoa o coração e (para se dizer a verdade) desperta temores perturbadores quanto a que com a morte tudo acabou, que aquela foi a última vez que vimos os nossos amigos que morreram. Quando enterramos os nossos queridos, é tempo de inverno. É o que parece ser para o coração natural. Assim deve ter parecido para alguns dos cristãos de Tessalônica. Porque, se não fosse assim, por que Paulo teve que escrever e exortá-los para que não se entristecessem como os demais, que não tinham esperança alguma?

Uma coisa que a ressurreição nos ensina é que não é para confiarmos nas aparências. A árvore sem folhas diz, por sua aparência, que não haverá um novo desabrochar. O corpo de Jesus naquele túmulo novo de José de Arimatéia parecia indicar o fim de tudo para Cristo e para os seus discípulos. A flacidez do corpo de um crente recém-falecido dá a ideia de uma derrota permanente. Contudo, como são falsas todas essas aparências! A árvore vai florir de novo. Cristo ressuscitou ao terceiro dia de acordo

com as Escrituras, e o cristão ressuscitará ao ser dada a palavra de ordem do Senhor, ao ser ouvida a voz do arcanjo.

Pela fé podemos suplantar a aparência de derrota, sabendo que, por fim, o verdadeiro crente não poderá ser derrotado. São palavras de Jesus: "Porque eu vivo, vós também vivereis."²¹ Esta é a mensagem da páscoa. Que mensagem abençoada para o mundo todo, se ao menos as pessoas nela cressem!

CAPÍTULO 21

A Importância da Direção

No caminho cristão, o que é importante não é a velocidade com que estamos indo, nem a distância percorrida, mas sim a direção que tomamos. Por essa razão as Escrituras exortam o cristão em sua caminhada a que tenha paciência, não se preocupando com a velocidade. O Senhor parece estar bem mais interessado quanto a para onde estamos indo do que quanto a com que velocidade estamos caminhando. Um passo firme na direção certa nos levará ao nosso destino certo por fim, mas se na vida temos em mira uma meta errada, a velocidade apenas nos desviará mais rapidamente do destino certo.

Falta de direção é a causa de muitos fracassos em atividades espirituais. As igrejas estão infestadas de pessoas, de ambos os sexos (embora em sua vasta maioria sejam homens) que nunca tiveram um claro chamado de Deus para alguma coisa em particular. Tais pessoas muitas vezes são vítimas de algum capricho ou do acaso, presas fáceis de líderes ambiciosos que procuram projetar-se pelo uso de outras pessoas para seus próprios fins. O cristão que não tem uma direção é aquele que suporta o que é novo e espetacular, quer isso esteja ou não de acordo com as Escrituras e com a vontade revelada de Deus.

Uma grande economia de tempo e de esforço pode ser conseguida se soubermos o que devemos fazer e então, apegando-nos a isso, e sem alarde, recusarmo-nos a sermos desviados da nossa tarefa. Paulo disse: "mas uma coisa faço",²² e pela redução de suas atividades a um importante mínimo, ele multiplicou a sua eficiência muitas vezes. Temos de evitar o erro de achar que, por estarmos muito ocupados, estamos fazendo muitas coisas. Uma grande parte das atividades que fazemos todo dia é tal como a daquele senhor, de certa idade, que tinha uma perna artificial e que a enfiou num buraco da calçada, e então ficou a noite toda rodando, querendo ir para sua casa.

Quanto mais nos desviarmos de nossas origens, maior a tentação de nos rendermos aos confusos modos do fundamentalismo moderno, e então ficarmos sendo uma "Maria vai com as outras", indo atrás de qualquer um

que esteja disponível no momento. Temos de resistir a essa tentação com todas as nossas forças. Se viéssemos a adotar os procedimentos da igreja que está cega no dia de hoje, certamente estaríamos desperdiçando o nosso tempo e também o dinheiro de outras pessoas, crendo contudo que estaríamos fazendo a vontade de Deus. De uma tal calamidade, ó Deus, livra-nos!

Se acharmos que às vezes estamos indo um pouco devagar, não nos esqueçamos de que sabemos qual é a direção para onde fomos chamados para ir, e enquanto estivermos seguindo aquele direcionamento inicial, estaremos sendo abençoados com todo o sucesso, muito além das nossas melhores expectativas. Manter a direção que nos foi revelada por Deus é de vital importância. Não vamos errar neste ponto.

CAPÍTULO 22

Uma Confissão Inspirada

Há vários anos descobri um testemunho cristão que, pela sua total beleza, dificilmente tem um igual em toda a literatura evangélica. Essa confissão, na forma de um poema lírico, foi feita por Frederic W. Faber, autor de: "Faith of Our Fathers" (Fé dos Nossos Pais), "There's a Wideness in God's Mercy" (Há uma Vastidão na Misericórdia de Deus), "Jesus! Jesus! Dearest Lord" (Jesus! Jesus! Senhor Tão Querido); e de muitos outros hinos de que tanto gostamos. Essa confissão parece ser a mais perfeita combinação de uma postura de dignidade, cheia de restrições, com um dar-se totalmente à alegria, que pode ser encontrada na literatura evangélica. Ela tanto pode sentir-se à vontade no ambiente tranquilo de um místico como numa rústica tenda de uma reunião num acampamento.

Ao lermos essa confissão deveríamos pôr-nos em guarda contra o sentimento de que a experiência de Faber foi única. Por não termos nunca visto alguém expressar-se dessa forma, podemos ser tentados a acreditar na inexistência de outras pessoas assim tão radical e visivelmente convertidas, tal como foi Faber. Isso seria um erro de julgamento. Há milhões de pessoas que se converteram de forma assim tão maravilhosa como Faber, mas apenas uma em meio a um milhão tem o dom de se exprimir de forma a contar a sua experiência de modo tão completo e com uma perfeição assim tão bela.

Recentemente um certo escritor observou que depois do poder de criar uma grande arte encontra-se o poder de apreciá-la. A mente que melhor pode apreciar Bach, ou Leonardo da Vinci, ou Milton, acha-se mais próxima, em sua capacidade, desses gênios da arte. Assim o cristão, que compreende e aprecia um testemunho tal como esse a que me referi, seguramente não está muito longe da postura espiritual daquele que o escreveu. A alma mundana não se sentirá bem com Faber.

Com muita alegria creio que as muitas pessoas que venham a ler estas palavras serão, elas também, pessoas que tiveram um encontro com Deus de uma maneira que revolucionou e transformou as suas vidas, semelhantemente ao que aconteceu com Faber. Tais pessoas apenas não

possuem o dom da auto-análise nem a habilidade literária que lhes permitiria escrever desse modo, empregando uma linguagem num nível assim tão elevado.

Eis aqui o poema. Faber denominou-o "Uma Boa Confissão":

As cadeias que me prendiam foram soltas ao vento,
Pelo grande amor de Deus eu, pobre escravo, foi liberto;
e a graça do céu com frescura em minh'alma sopra, é certo
Tal como são os bons ventos do verão que ao mar dão alento.

Não há no mundo algo tão escuro, coisas tão más,
Como a escravidão do pecado que a minh'alma prendia;
Nada mais abjeto que a astúcia e a malícia que eu sentia,
E essas vis paixões, sob o controle de Satanás.

Por vários anos suportei o inferno em meu coração;
Ao pensar em Deus, o que eu via era só escuridão;
De noite eu não tinha descanso, e prazer nenhum de dia,
E a dura sombra de um destino infeliz eu temia.

E somente aquela luz é que poderia adentrar
Num calabouço tão profundo assim como era o meu!
Criar um mundo seria mais fácil que libertar
Este escravo da prisão, esta alma que adormeceu.

Que haja luz, disse a Palavra, dirigindo-se a mim.

Em minh'alma uma aflição profunda logo então passou;
Foi só olhar ao Salvador, a escura noite sem fim
Como um sonho esquecido, do meu coração despencou.

Clamei então por misericórdia; e os joelhos dobrei,
Com o coração compungido e mui triste confessei.
Numa ação momentânea, o mal de anos saiu então,
Da minh'alma, tal como as palavras que eu falo se vão.

E agora, glória a Deus e ao amado Senhor que morreu!
Nem o cervo montanhês, nem o pássaro na altura,
Nem onda de prata que se quebra na maré escura,
E uma criatura tão livre e feliz quanto eu.

Aclamem todos o Precioso Sangue tão amado,
Que operou em mim essas doces maravilhas do amor;
Que a cada dia multidões tenham se purificado
Para a glória de Deus, e a libertação do pecador.

CAPÍTULO 23

Tomemos Cuidado Com as Nossas Palavras

Os cristãos, em sua maioria, creio eu, muito pouco se ajudam entre si em suas conversas do dia-a-dia, e muitas vezes até mesmo causam algum dano, uns aos outros. Poucos são os que conseguem manter uma conversação sem decair para uma fala improdutiva, e até mesmo danosa.

Isso é uma falha em nossa vida que deve ser encarada com seriedade. O que frequentemente acontece é que toda aquela sensação tão boa que sentimos num culto é destruída por uma conversa frívola e indigna após o término da reunião. É algo lastimável, pois o ministério de toda igreja não deveria ser nada mais do que uma expressão pública da pura espiritualidade da vida diária daqueles que dela fazem parte.

O próprio ministro deve simplesmente levar até o púlpito aos domingos o mesmo espírito de que tem se revestido durante toda a semana. Ele não tem necessidade alguma de forçar a sua Voz, nem de falar num tom diferente. O tema da mensagem necessariamente diferirá de tudo o que abordou em suas conversas informais naquela semana, mas a postura e a atitude expressas em seus sermões devem ser idênticas às da sua vida diária.

Palavras danosas ou vãs bloqueiam o avivamento e entristecem o Espírito mais do que talvez percebamos. Elas destroem o efeito espiritual que tinha sido alcançado e torna necessário, a cada culto dominical, captar novamente a postura devocional que se perdeu durante a semana. Dessa forma somos compelidos a constantemente repetir o trabalho da semana anterior para recuperar o terreno perdido por causa de conversas negativas.

Não é desejável que tenhamos o hábito de conversar sobre questões religiosas sempre que nos encontremos com nossos amigos. Não há o que mais demonstre a nossa leviandade do que o descuido com que discutimos assuntos relativos à nossa fé. Digo que não temos que conversar mais sobre assuntos religiosos do que sobre outros temas - conversar por conversar pode ser tão enfadonho e maçante como qualquer outra conversa corriqueira e, o que é pior, pode tornar-se uma fala insincera e sem sentido.

O ideal é termos uma palavra pura, natural e cheia de amor em todo o tempo, quer estejamos falando de coisas terrenas, quer de celestiais.

CAPÍTULO 24

Temos de Ter Novamente uma Liderança Espiritual

Alguém escreveu ao piedoso Macário, de Optino, que o conselho espiritual que ele dera tinha sido de muita ajuda. "Isso não é verdade" - Macário escreveu em resposta. - "Somente as falhas são minhas. Todo bom conselho foi o Espírito Santo que deu; eu apenas pude captá-lo de forma correta e passei-o adiante sem distorcê-lo."

Há uma excelente lição aqui que não podemos deixar passar despercebida. É a afável humildade daquele homem de Deus. "Somente as falhas são minhas." Ele estava totalmente convencido de que os seus próprios esforços dariam como resultado apenas falhas, e de que toda boa coisa que proviera do seu conselho era uma obra do Espírito operando nele. Aparentemente isso foi mais do que um simples impulso de autodepreciação, que o mais orgulhoso dos homens toma de vez em quando. O que aconteceu foi, antes, uma convicção firme que ele tinha, uma convicção que norteava toda a sua vida. Seu longo ministério, desenvolvido com humildade, que contribuiu para a vida espiritual de multidões, revela isso com clareza mais do que suficiente.

Nos dias de hoje, em que "figurões" que se projetam por aí levam a obra de Deus segundo os métodos do mundo dos espetáculos, como é bom trazermos, mesmo que por um momento, às páginas de um livro, um homem sincero e humilde que não procura projetar-se diante dos outros e que coloca toda ênfase na obra que Deus nele tinha realizado. Creio que o movimento evangélico prosseguirá em seu desvio, cada vez mais, da posição neotestamentária, até que a sua liderança abandone a postura das estrelas espirituais dos dias de hoje, tornando-se santos que a si mesmos se diminuem, e que não estejam buscando louvor algum nem posição nenhuma, e que se satisfaçam tão somente quando toda a glória é atribuída a Deus, sendo eles mesmos totalmente esquecidos.

Até que apareçam de novo homens desse quilate para assumir a liderança espiritual da igreja, a nossa expectativa será a de uma progressiva deterioração na qualidade do cristianismo das pessoas em geral, até que

alcancemos o ponto em que o Espírito Santo, entristecido, retire-se tal como a glória de Deus retirou-se do templo, e assim fiquemos como Jerusalém depois da crucificação: desertada por Deus e só. Apesar de todo esforço feito para distorcer a doutrina para provar que o Espírito não abandonará os homens religiosos, pelo que temos visto está claro que às vezes o Espírito age dessa forma. No passado ele abandonou grupos que tinham ultrapassado o ponto de retorno para se recuperarem.

É uma questão ainda não definida essa a de ter, ou não, o movimento evangélico pecado demasiadamente e ter se afastado de Deus além do ponto de uma volta para a sanidade espiritual. Pessoalmente creio não ser tarde demais para que haja arrependimento, se apenas os assim chamados cristãos de hoje repudiarem toda má liderança e buscarem a Deus de novo em verdadeiro arrependimento e com lágrimas. O "se" desta frase é que é o grande problema: será que eles agirão dessa forma? Ou será que eles se encontram totalmente satisfeitos, brincando de ser cristãos, e nem se dão conta do seu triste desvio em relação à fé do Novo Testamento? Se isso é verdade, então nada nos resta a não ser o juízo de Deus.

O que o diabo constantemente faz é valer-se de coisas que chamam muito a atenção, mas que não têm valor algum. Ele sabe muito bem como desviar a atenção do intercessor cristão dos ataques sutis, porém mortais, que ele faz, de forma a que se dediquem a questões mais óbvias e menos danosas. Então, quando os soldados do Senhor reúnem-se, animados, diante duma porta, ele entra por outra, sem ser notado. E quando os "santos" perdem o interesse pela coisa com que o diabo lhes atraía a atenção, então eles voltam e encontram o recém-batizado e devoto inimigo conduzindo os acontecimentos. A tal ponto deixaram de reconhecê-lo que logo adotam seus modos de agir e o chamam de progresso.

Nos últimos vinte e cinco anos temos visto realmente uma mudança muito grande nas crenças e nas práticas da igreja evangélica, algo tão radical e inusitado que quase não dá para crer, e tudo tem acontecido de maneira acobertada por uma ardente ortodoxia. Com uma Bíblia debaixo do braço e um pacote de folhetos no bolso, as pessoas religiosas agora se reúnem para prestar "cultos" tão carnais, tão pagãos, que mal se diferenciam dos velhos espetáculos de vaudeville de outros tempos. E quando um pregador ou um editor se dispõe a denunciar essa heresia, o que

ele está fazendo é dar margem para ser ridicularizado e insultado de todo lado.

Nossa única esperança é que uma renovada pressão espiritual venha a ser exercida de forma crescente por homens corajosos e despretensiosos que nada desejem a não ser a glória de Deus e a purificação da igreja. Que Deus nos envie homens assim, em grande quantidade. Eles já estão atrasados.

CAPÍTULO 25

O Cristão É o Verdadeiro Realista

Alguns pensadores superficiais dão ao crente a conotação de ser uma pessoa que vive fora da realidade e num mundo de "faz-de-conta". "A religião" - dizem eles - "é uma fuga da realidade. Abraçá-la é o mesmo que refugiar-se em sonhos."

Por estarem permanentemente argumentando dessa forma, eles têm conseguido influenciar um grande número de pessoas e criar em muitas mentes uma dúvida que vai roendo toda a crença na veracidade da posição cristã. Mas não temos que nos preocupar - uma maior vivência com a realidade dissipará todas as dúvidas e convencerá os crentes de que suas expectativas são válidas e de que a sua fé tem uma base bem sólida.

Se ser realista é a capacidade de ver as coisas como elas realmente são, os crentes são os mais realistas. Dentre todos os que pensam com inteligência, eles são os que mais levam a realidade em conta. Não abrem mão de que suas crenças têm que corresponder à realidade dos fatos. Eles esquadrinham tudo até as bases, e desvencilham-se de tudo o que possa estar a mais em seu pensamento. Não aceitam nada menos do que conhecer toda a verdade quanto a Deus, quanto ao pecado, quanto à vida, quanto à morte, quanto à nossa responsabilidade pela nossa conduta moral, e quanto à vida futura. Querem saber o que de pior há em sua vida para tomarem alguma providência a respeito. Há algo dentro deles que se recusa a ser enganado, por mais agradável que o auto-engano seja para a sua auto-estima. Eles levam em conta o fato inegável de que pecaram. Reconhecem a curta duração da vida e a certeza da morte. Essas coisas não tentam ignorar, nem procuram mudá-las conforme o seu gosto. Elas constituem fatos com que se defrontam totalmente. Eles são realistas!

Nós, da fé cristã, não temos que ficar na defensiva. O encargo da prova jaz com os nossos oponentes. A acusação de estar fora da realidade pode ser posta sobre o incrédulo de uma maneira lógica e incontestável.

O homem mundano é que é um sonhador, e não o cristão. Os pecadores não conseguem ser totalmente eles mesmos. Têm que viver

fingindo em toda a sua vida. Têm que ter um comportamento como se nunca tivessem pecado, quando lá no fundo do coração sabem muito bem que pecaram. Têm de viver de maneira independente de Deus, não levando em conta o juízo e a vida futura, e em todo o tempo o coração deles permanece muito perturbado por causa de sua precária condição. Têm de manter uma aparência de despreocupação, ao mesmo tempo em que têm que fazer vistas grossas diante de fatos e encolher-se diante dos ataques da sua consciência. A notícia da morte repentina de um amigo abala-os e deixa-os com a impressão de que serão os próximos a passar por ela, mas não ousam demonstrar isso - eles têm de cobrir o seu terror da melhor maneira possível, e de continuar a desempenhar o seu papel. De tudo em sua vida adulta têm que se esquivar, tudo têm que esconder, tudo têm que ocultar. Quando se dão conta de sua situação, ou ficam loucos, ou se voltam para Cristo, ou então procuram suicidar-se.

O pobre mundano, porventura será
Que de ti meu coração inveja terá?

CAPÍTULO 26

Orando Até Orar de Verdade

O Dr. Moody Stuart, um grande homem de oração de uma geração passada, certa vez estabeleceu regras que o guiassem em suas orações. Entre essas regras, havia a seguinte: "ore até orar de verdade".

A diferença entre orar até o momento em que você pára de orar, e orar até você realmente orar é ilustrada pelo evangelista americano John Wesley Lee. Ele sempre comparava um período de oração com um culto na igreja, e insistia que muitos de nós terminamos a reunião antes do culto ter terminado. Ele confessou que certa vez ele saiu cedo demais de uma reunião de oração e foi indo por uma rua para cuidar de alguns negócios urgentes. Ele não tinha ido muito longe ainda quando uma voz em seu interior o repreendeu. "Filho," - a voz parecia dizer - "você pronunciou a bênção quando a reunião não havia ainda terminado?" Ele caiu em si, e imediatamente voltou correndo ao lugar da reunião de oração, onde permaneceu até que toda carga que sentia saiu e a bênção sobre si desceu.

O hábito de interromper nossas orações antes de termos realmente orado é algo tão comum quanto infeliz. Com frequência os últimos dez minutos podem significar mais para nós do que a primeira meia hora, porque temos que gastar um bom tempo até atingirmos a verdadeira condição para uma oração efetiva. Pode ser que tenhamos que lutar com os nossos pensamentos de forma a retirá-los das muitas distrações que resultam do fato de habitarmos num mundo todo em desordem.

Aqui, assim como em todas as demais questões espirituais, temos que ter certeza de que estamos distinguindo o ideal do real. O ideal seria vivermos a cada momento num estado de uma perfeita união com Deus de forma que nenhum preparo fosse necessário. Mas na verdade são poucos os que honestamente podem dizer que é isso o que acontece em sua vida. Para sermos francos, a maioria de nós tem de admitir que com frequência enfrentamos uma luta antes de ter condições de escapar de uma alienação emocional e de um senso de irrealidade que às vezes prevalecem em nós.

Não importando o que um idealismo sonhador possa dizer, somos forçados a encarar as coisas no nível da realidade prática. Se quando vamos

orar o nosso coração sente-se endurecido e não espiritual, não deveríamos convencer-nos do contrário. Antes, devemos admitir a situação com franqueza, e então orar até o fim. Alguns cristãos chegam a sorrir diante da expressão "orar até o fim", mas isso, ou algo parecido com isso, é encontrado nos escritos de quase todos os grandes santos de oração, dos dias de Daniel até hoje.

Não podemos parar de orar antes de termos orado de verdade.

CAPÍTULO 27

Obediência: Uma Doutrina Negligenciada

Existe em nós o que William James chamou de "uma certa cegueira nos seres humanos" que nos impede de ver o que não queremos ver. Isso, ao lado da obra que o próprio diabo faz diretamente em nós, é o que pode explicar o fato de a doutrina da obediência ser tão amplamente negligenciada nos círculos cristãos da atualidade. Admite-se que Deus espera que sejamos "filhos obedientes", é claro, mas isso raramente é enfatizado de forma suficiente para que seja posto em prática. Parece que muitas pessoas acham que a nossa obrigação de obedecer foi retirada quando cremos em Jesus Cristo, o que aconteceu no início da nossa vida cristã.

Devemos lembrar-nos de que "a vontade é o trono em que se senta a verdadeira religião na alma". Nada de genuíno foi feito na vida de alguém até que a sua vontade tenha se rendido, numa ativa obediência. Foi a desobediência que produziu toda a ruína da raça humana. É a "obediência da fé" que nos leva de volta de novo a sermos acolhidos por Deus.

Um mundo de confusões e de desapontamentos resulta de se tentar crer sem obedecer. Isso nos põe na situação de um pássaro que tenta voar com uma asa só. O que conseguimos fazer é ficar rodopiando em círculos e procurando animar o nosso coração com a esperança de que o girar num baile de plumas seja a prova de que o avivamento está a caminho. Muitas das orações nos altares de nossos acampamentos têm o efeito idêntico ao de um bom choro. Elas liberam emoções reprimidas e relaxam nervos que estavam tensos. O sorriso que se segue é aceito, com avidez, pelos que estão ajudando, como um sinal de que uma profunda obra espiritual foi feita. Para alguns, porém, isso pode ser um trágico erro, acarretando um dano permanente e perdas na sua vida espiritual.

Uma mera rendição feita passivamente pode não se constituir numa rendição, absolutamente. Toda submissão verdadeira à vontade de Deus tem de incluir a vontade de aceitar as ordens dadas por ele, daquele momento em diante. Quando o coração se acha irrevogavelmente dado a receber e a obedecer às ordens do Senhor, algo foi feito, mas não até então.

Provavelmente não veremos entre nós notáveis transformações de pessoas ou de igrejas até que os ministros de Deus venham de novo dar à obediência o lugar de proeminência que ela ocupa nas Escrituras.

CAPÍTULO 28

Cristãos Honorários

Às vezes ouvimos falar de um político ou de uma outra celebridade a quem é dado o status de "chefe" de uma certa tribo de índios americanos. Ele é acolhido solenemente, passando por uma festa indígena celebrada com brados guturais e recebendo um pomposo cocar feito de plumas de águias; sua foto é tirada ao lado das autoridades da tribo e daquele momento em diante ele é considerado um chefe entre eles.

Seu sorriso amarelo revela-nos com clareza que ele considera tudo aquilo uma piada, mas os índios, que não estão rindo, aparentemente consideram toda aquela cerimônia com muita seriedade. Não é necessário muita perspicácia para se entender que todas as cerimônias, colares, plumas e todos os rituais indígenas não podem fazer de um homem branco, um índio. Na melhor das hipóteses ele se torna apenas um chefe honorário, não um chefe de verdade.

Compare isso com muitas igrejas evangélicas, que têm muitos membros que são cristãos por iniciação, não por nascimento espiritual. Eles passaram por um ritual feito pelos chefes locais, que lhes dão a impressão de que são cristãos de fato, quando na verdade eles são cristãos apenas nominais.

Todas as cerimônias religiosas inventadas pela fértil mente de todos os líderes religiosos do mundo não fazem de um pecador um cristão. Ninguém, não importando quão rico seja e quão misteriosas suas vestes, pode fazer com que alguém se torne cristão. A impressionante cerimônia feita numa bela igreja e os rituais solenes realizados são semelhantes, e numa escala maior, ao que faz o grande pajé da tribo numa enorme cabana indígena. Na melhor das hipóteses o que resulta é uma religião por iniciação. Os que passam por isso tornam-se apenas cristãos honorários. A raiz da vida não está neles, e eles são dignos da maior piedade.

Nosso Senhor nos diz com clareza que temos de nascer de novo antes de entrarmos no reino de Deus. Não fiquemos satisfeitos com uma

membresia honorária no seu reino. E consideremos esta questão com muita seriedade. Há muita coisa em jogo nesta área vital da nossa vida.

CAPÍTULO 29

Sejamos Generosos ao DAR Mas com Sabedoria

O montante do dinheiro gasto no trabalho religiosa a cada ano não pode ser apurado com precisão, mas deve ultrapassar milhões de dólares, apenas nos Estados Unidos. Uma das desvantagens do nosso sistema protestante é a ausência de um controle eficaz de forma a prevenir que pessoas irresponsáveis se lacem numa aventura religiosa que julguem ser adequada e depois apelem aos crentes para que paguem suas contas. O que resulta de uma liberdade assim é que o campo da religião tem sido invadido por verdadeiros chantagistas que o que fazem é extorquir dinheiro das pessoas; muitos profetas ungidos por si mesmos estão tendo um alto nível de vida às expensas dos santos.

Não estou referindo-me aos enormes fundos gastos na propagação de muitas falsas seitas que estão surgindo como ervas daninhas por toda parte. Restrinjo minhas considerações às áreas da atividade religiosa que pretendem pertence" ao cristianismo do Novo Testamento. Os fatos indicam que nem tudo está bem, mesmo nelas.

Muitos fatores, nos últimos anos, atuaram em conjunto para Propiciar irregularidades no campo do trabalho religioso para que pessoas desonrosas proliferassem às expensas de generosos cristãos. No caso dos Estados Unidos, para isso contribui também a extraordinária prosperidade financeira da nação. Quase todo o mundo hoje tem dinheiro para dar a propósitos religiosos e de caridade, e não é da natureza humana deixar que toda essa riqueza fique intocável, uma vez que é tão fácil prender consideráveis porções financeiras por meio de algum projeto religioso, apelando depois para que boas pessoas o suportem.

Um outro fator é a impressionante velocidade de transporte e de comunicação que a ciência moderna possibilitou para todos. A imprensa, o rápido serviço dos correios, o rádio, a televisão e todo o encenamento religioso agora tão popular possibilitaram alcançar os cristãos com apelos de massa por contribuições financeiras, tendo-se plena certeza de que tais ações trarão enormes quantias do dinheiro tão cobiçado. Muitos desses

apelos vêm junto com ousadas declarações de uma fé extraordinária. Dá a impressão de que esses valorosos guerreiros estão prontos para entrar em qualquer arena para batalhar contra os inimigos do Senhor com nada a proteger-lhes a não ser um brilhante escudo de fé. Para ser claro, o fato é que a maioria dessas aventuras não se baseia em nada espiritual, a não ser a comprovada generosidade do povo de Deus, da qual têm um astuto conhecimento.

É pela recompensa eterna que Deus dá a seus filhos que as pessoas podem se deixar levar a contribuir de forma sacrificial, por meio de uma história emotiva, ou por mostrar cenas de sofrimento humano. Basta apenas voar por volta deste mundo e voltar com fotos da miséria humana, e as queridas ovelhas de Deus dobrarão as pernas e se deixarão ser tosquiadas totalmente por pessoas moralmente indignas de tosquiá-las. Os santos de coração sensível decidem com os seus sentimentos e despejam a sua consagrada riqueza indiscriminadamente em projetos totalmente indignos de seu suporte. Os cristãos, em sua maioria, têm receio de questionar a honestidade de quem quer que fale coisas lisonjeiras a respeito do Senhor, e transpiram quando tal pessoa prega. A ela dão vastas somas de dinheiro e nunca pedem relatórios, nem mesmo esperam que lhos dêem. Isso faz bem ao coração dessas pessoas, mas não contribui em nada para seu discernimento espiritual.

Sabendo como as pessoas são bastante sensíveis quanto ao direito de decidir quando e para quem devem contribuir, a quem apoiar financeiramente, não espero que meus leitores deixem passar em branco esta admoestação. Estou preparado para ouvir que estou interferindo em questões que não me dizem respeito. Minha resposta é que eu pessoalmente sei que ha um grande número de piedosos pastores que em seu coração lamentam a exploração do povo de Deus por pessoas indignas, mas que são muito tímidos e assim não dizem isso publicamente. Os tolos entram depressa onde os anjos temem pisar, e se esses anjos não falarem para proteger os santos, então alguém menos temível (se menos angelical) tem de fazer isso.

Além disso, todos nós temos de dar contas a Deus quanto ao uso que fazemos dos bens que possuímos. Dar para projetos adicionais que são desonestos é desperdiçar o dinheiro de Deus, e naquele grande dia teremos que dizer a Deus porque assim agimos. Será recompensador termos toda

cautela, em oração, antes de darmos nossas ofertas. Que não venhamos a dar menos, mas que contribuamos com mais sabedoria. Disso nunca vamos nos arrepender.

CAPÍTULO 30

Palavras Sintomáticas: "Justo", "Injusto"

As palavras têm apenas o sentido que aquele que as profere quer dar, e eu não quero tornar qualquer palavra "culpada por associação". Contudo toda entonação de voz tem sua característica particular, e quando uma dada palavra é usada podemos, com certo grau de precisão, crer que urna certa entonação foi dada. Por isso podemos dizer que as palavras são sintomáticas. Elas em si mesmas não são saudáveis nem doentias, mas elas bem que podem fazer-nos ver a presença dessas duas situações. Elas podem ainda indicar que tipo de enfermidade tem a pessoa que falou, ou o grau de saúde que ela desfruta.

Esta observação resulta de eu ter visto muitas pessoas religiosas falando. Depois de ouvir alguns crentes falando durante um certo tempo, passa-se a ter um sentimento da presença de saúde ou de enfermidade na alma deles. Certas palavras passam a despontar, palavras essas que nos dizem mais sobre o que fala do que ele possa imaginar que sabemos, e com certeza mais do que ele quer que saibamos. As palavras são sintomáticas.

Uma dessas palavras assim empregadas pelos cristãos é "justo", e a sua desagradável companheira, "injusto". As pessoas fazem uso dessas duas palavras para descrever o tratamento que lhes foi dispensado por outras pessoas, e aparentemente essas palavras parecem ser totalmente inocentes, e até mesmo indispensáveis. Entretanto, elas indicam uma atitude interior que não deve haver entre os cristãos. Aquele que se refere a um certo ato como sendo "injusto" para si não é uma pessoa vitoriosa. Ele se acha derrotado em seu interior, e em sua autodefesa está apelando ao juiz da partida que anote que ele foi atingido por alguma falta. Isso lhe dá uma desculpa quando o levam para fora numa maca e a sua contusão é sanada. Ele sempre pode se desculpar pela sua derrota pelo fato de ter sido tratado injustamente pelos outros.

Os cristãos que compreendem o verdadeiro significado da cruz nunca vão lamuriar-se por terem sido tratados injustamente. Quer tenham sido, ou não, tratados de forma justa, isso não lhes afetará. Eles sabem que foram

chamados para seguir a Cristo, e certamente Cristo não recebeu nada que se aproximasse de um tratamento justo por parte da humanidade. É exatamente ali que jaz a glória da cruz - que um Homem sofreu injustamente, foi abusado e caluniado e crucificado por um povo indigno de respirar o mesmo ar que ele respirava. Contudo ele não abriu a sua boca. Embora insultado, ele não reagiu com ódio e, quando sofreu, não ameaçou ninguém. O pensamento quanto a clamar por justiça não pode ser abrigado num coração reverente. Toda a vida do Senhor Jesus foi dedicada a restaurar o que ele mesmo não havia danificado. Se ele tivesse parado para calcular o quanto devia e então não tivesse pago nada, todo o universo moral teria desabado.

O cristão vitorioso não se preocupa em obter a sua parte justa disso e daquilo. O amor não se volta para si mesmo e, por incrível que pareça, o santo bem-aventurado, que abre a sua mão para ser roubado sob a vontade de outras pessoas, sempre será tido como mais rico do que aqueles que o roubam.

Às vezes, é verdade, Deus permite que o seu povo sofra injustiças e que espere pelo dia do acerto de contas, quando a justiça se fará. Mas geralmente seus juízos não são assim tão postergados. E mesmo admitindo-se que os cristãos têm de sofrer injustiças aqui neste mundo, se eles as considerarem com um bom espírito e sem se queixarem, eles terão vencido o inimigo e terão ganho a luta. Seu primeiro desejo é ser vitorioso em seu coração, e se conseguirem rir, amar e louvar a Deus mesmo quando estiverem sendo maltratados, então o desejo do seu coração foi realizado. Quem poderia pedir mais do que isso?

CAPÍTULO 31

Outras Palavras Sintomáticas: "Ressentir-se", "Ressentimento"

No capítulo anterior foi dito que há palavras reveladoras que trazem em si significados não incluídos em sua etimologia. A palavra "injusto" foi citada como sendo uma palavra assim. "Ressentir-se", em suas várias formas, também o é.

Tenho estado em círculos religiosos por toda parte já por um bom tempo, e nunca ouvi o verbo "ressentir-se" ser usado por cristãos vitoriosos. Ou, pelo menos, se usaram essa palavra, não foi para exprimir nenhum sentimento dentro do seu próprio coração. Durante muitas das conferências que assisti e nas centenas de conversações que presenciei, muitas vezes ouvi as pessoas dizerem: "estou ressentido por isso ou por aquilo", mas, repito, nunca ouvi essa palavra na boca de cristãos vitoriosos. O ressentimento simplesmente não pode habitar num coração em que há amor. Antes do ressentimento entrar, o amor tem de sair e a amargura tem de entrar. A alma em amargura fará uma lista de todas as situações em que se sentiu atingida e ofendida e ficará na defensiva tal como uma urso para com os seus filhotes. E esta comparação é válida, uma vez que um coração ressentido é sempre ameaçador e desconfiado, tal como uma urso.

Quase não há o que seja mais deprimente do que um cristão professo defender seus supostos direitos, resistindo com amargura toda tentativa que alguém faça para atingi-los. Tal cristão nunca aceitou o caminho da cruz. As graças que denotam brandura, tais como a mansidão e a humildade, são desconhecidas por tal pessoa. A cada dia ela fica mais endurecida e mais acrimoniosa, tentando defender a sua reputação os seus direitos, o seu ministério, contra todos os seus inimigos imaginários.

A única cura para tal situação é morrer para si mesmo e ressuscitar com Cristo numa novidade de vida. Aquele que estabelece a vontade de Deus como sendo o seu alvo na vida alcançará esse alvo não por meio da autodefesa, mas mediante a autonegação. Então não importará que tipo de tratamento a pessoa receba dos outros, ela estará sempre em paz. A vontade de Deus foi feita este cristão não se importa se houve xingamentos ou

elogios, pois ele não está atrás nem disso nem daquilo, mas deseja fazer a vontade de Deus a qualquer custo. Então, quer esteja na crista da aceitação das pessoas, ou atolada nas profundezas da obscuridade ele sempre está contente. Se alguns tiverem prazer em segurar o progresso desse cristão, ele não ficará ressentido, pois não é isso que busca, e sim a vontade de Deus.

É triste que certos filósofos pagãos tiveram que nos ensinar a nos cristãos uma lição assim tão simples como esta. "Eu tenho de morrer," - disse Epíteto - "e tenho de morrer gemendo também? Tenho de ser exilado; e o que me impede, então, de ir sorrindo, e alegre, e sereno? 'Divulgue um segredo.' Eu não vou divulgá-lo. 'Então eu vou acorrentá-lo.' Você pode acorrentar a minha perna, mas ninguém pode tirar vantagem da minha livre vontade. 'Vou decapitar esse desprezível corpo seu.' Já não lhe disse antes," - respondeu Epíteto - "que somente eu tenho uma cabeça que não pode ser cortada? Isso significa ter estudado o que devia ser estudado; ter posto os nossos desejos e nossas aversões acima da tirania e acima do acaso. Eu tenho de morrer - se num instante, morrerei num instante; se daqui a algum tempo, vou primeiro cear, e quando a hora chegar, então morrerei. Como? Tornando-me aquele que restaura o que não é propriamente seu."

Que ninguém rejeite o raciocínio desse firme filósofo antigo. Mesmo sem ter a luz da graça salvadora, ele sabia como um ser criado deve comportar-se sob a poderosa mão do seu Criador, e isso é mais do que muitos cristãos denotam saber. Mas temos uma autoridade melhor do que a sua para a nossa conduta. Cristo nos deixou um exemplo, e não temos como fugir dele. Como ele era, assim somos nós neste mundo, e ele nunca sentiu o mínimo ressentimento contra ninguém. Mesmo aqueles que o crucificaram foram perdoados quando ainda estavam em ação. Nem mesmo uma palavra sequer ele proferiu contra eles ou contra os mentirosos e hipócritas que se excitaram para destruí-lo. Ele sabia mais do que qualquer outro homem quão maus eles eram, mas ele manteve para com eles uma atitude de compreensão carinhosa. Eles estavam apenas cumprindo o seu dever e mesmo aqueles que haviam dado as ordens para que executassem seu horrendo encargo não tinham consciência alguma do que tudo aquilo significava. A Pilatos ele disse: "Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada.,m Desse modo ele atribuiu tudo à vontade de Deus e passou por cima do pantanal das personalidades. Ele não teve rancor de ninguém. Não teve ressentimento algum.

O pior de tudo na vida de alguém com ressentimento é que não lhe faz bem algum chamar sua atenção para o problema. O coração amargo não tem a propensão para ver a sua própria condição, e se alguém com ressentimento porventura ler este capítulo, tal pessoa dará um sorriso, satisfeita com a sua situação, e pensará que estou me referindo a outras pessoas. Enquanto isso ele se tornará menor e menor, tentando crescer, e se tornará mais e mais obscuro, tentando tornar-se conhecido. Ao levar adiante o seu alvo egoísta, suas orações se tornarão acusações ao Deus todo-poderoso, e todo o seu relacionamento com os cristãos será de suspeitas e de desconfiança.

Como Spurgeon disse a respeito de alguém: "Que a grama cresça bem verde sobre o seu túmulo quando morrer, pois nunca nada cresceu ao seu redor enquanto ele viveu."

CAPÍTULO 32

O Profeta É um Caso à Parte

A igreja é a testemunha de Deus para cada geração, e os seus ministros são sua voz. Através deles ela pode falar. Por meio deles ela tem sempre falado ao mundo, e Deus tem falado à igreja através deles. O testemunho de crentes piedosos em geral tem sido uma poderosa ajuda na obra que ela pretende realizar, mas eles não podem fazer - e com certeza não são chamados para fazer - a obra que compete aos seus ministros. Por dom e por chamamento, o ministro é um caso à parte.

Não é suficiente, entretanto, o homem de Deus pregar a verdade. Ele não tem o direito de tomar o tempo das pessoas para dizer-lhes o que é verdade, simplesmente. É um elogio duvidoso dizer a qualquer pregador: "É verdade!" Isso também poderia ter sido dito se ele tivesse dizendo todos os resultados de uma tabuada - isso seria também verdade. Uma igreja pode murchar tanto sob o ministério de uma exposição bíblica não inspirada como quando não há exposição bíblica nenhuma. Para produzir resultados, a mensagem do pregador tem de ser viva - ela tem de advertir, despertar, desafiar; tem de ser a voz de Deus que se faz presente na vida de um grupo de pessoas em particular. Então, e não antes disso, ela é uma palavra profética e o homem que a transmite é um profeta.

Para cumprir perfeitamente o seu chamado, o profeta tem de estar sob uma constante direção do Espírito Santo. Além disso, tem de estar alerta a condições de ordem moral e espiritual. Todo ensinamento espiritual deve relacionar-se com a vida. Tem que relacionar-se diretamente com a vida particular diária dos ouvintes. Mesmo não tendo um enfoque pessoal, o verdadeiro profeta contudo atingirá a consciência de cada ouvinte como se a mensagem tivesse sido dirigida exclusivamente a ele.

Para pregar a verdade muitas vezes é necessário que o homem de Deus conheça o coração das pessoas melhor do que elas próprias. As pessoas frequentemente se acham confusas em seu interior - o profeta ungido tem de falar a essa confusão com uma sabedoria esclarecedora. Ele tem de surpreender seus ouvintes com o seu insuspeito conhecimento acerca dos pensamentos secretos que eles têm.

O trabalho de um ministro em seu todo é bastante difícil para qualquer um. Somos atraídos até Deus em busca de sabedoria. Temos de buscar a mente de Cristo e lançarmo-nos no Espírito Santo para uma perspicácia espiritual e mental compatível com a nossa tarefa.

CAPÍTULO 33

Não É uma Rua de Mão Única

Muito se ouve, nestes dias, sobre muitos jovens, particular mente seminaristas, que deixam a sua fé nas Escrituras e passam para uma posição teológica conhecida como liberal. Não se pode negar que centenas de jovens começam como evangélicos mornos e, depois de um ano mais ou menos, sob a tutela de professores incrédulos abandonam a fé de seus pais. E não pretendemos negar isso aqui. É sempre melhor encarar os fatos de frente, por mais desagradáveis que possam se apresentar. O fluxo do tráfego da fé para a descrença é tragicamente pesado, como as Escrituras declararam que seria.²⁴ Mas podemos encorajar o nosso coração com o conhecimento de que o tráfego nem sempre vai em direção à descrença - às vezes a direção é a contrária. De vez em quando tomamos conhecimento de uma alegre notícia, acerca de um "liberal" que se enjoa totalmente de toda essa filosofia tipo doce de ameixa e da mistura de uma poesia de pouca qualidade com uma psicologia aplicada com que tem sido alimentado pelos modernistas, e que então volta para a casa de seu Pai tal como o filho pródigo. Ouvi falar que isso aconteceu com um grande número de pessoas nos últimos anos, e certamente há centenas de casos de que não tive conhecimento. Uma prova de que o tráfego não é apenas num só sentido é dada pelo testemunho que se segue. É parte de uma carta escrita a um amigo por um recém convertido pastor de uma igreja de uma certa denominação. Ela fala por si mesma:

"Há três meses o Senhor salvou-me e tornou-me, mesmo sendo quem eu era, uma nova criatura em Cristo Jesus. No verão passado comecei a desgostar-me do panteísmo unitariano que eu pregava em nome de Cristo. Rebeleí-me contra ele e comecei a pregar - ainda cegamente - sobre o pecado e a salvação pela fé, então de maneira um tanto confusa e com certa aflição. Encontrei-me com um novo amigo que começou a ajudar-me a intelectualmente poder rejeitar os enganos do liberalismo.

Então, um dia, Deus tirou o véu que impedia o meu entendimento e de repente percebi que Jesus Cristo morreu a minha morte - que ele passou pela morte que eu teria que passar por causa do meu pecado - mas se eu o

aceitasse como Senhor e Salvador eu não teria que passar por essa morte! Rendi-me totalmente e deixei tudo para que pudesse fazer-me seu escravo. E Jesus Cristo aceitou-me e veio para o meu ser que estava vazio e tomou a minha vida para si. Quão gracioso e quão maravilhoso ele é!

Eu só queria que o senhor soubesse que isso aconteceu comigo pela graça de Deus em Cristo. Todo homem tem de nascer do Espírito, e quando pela fé Deus lhe dá este dom inefável, ele sabe que isso aconteceu, pois o próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito, e sabemos em quem temos crido.

Muitas pessoas aqui precisam ser salvas. Algumas delas verdadeiramente conhecem o Senhor Jesus Cristo, mas muitas precisam ouvir a mensagem de uma outra testemunha. Oro para que o Espírito Santo venha com fogo e com poder e batize aqueles que crerem."

Um pensamento encorajador para o verdadeiro cristão é que o movimento da ortodoxia para o liberalismo é geralmente vagaroso, bastante vagaroso para que possa ser notado, mas o movimento de volta à fé é repentino. A incredulidade entra na alma por uma vagarosa infiltração; a toxina passa pelas portas da alma, uma espécie de osmose espiritual de forma que a vítima fica bastante envenenada antes mesmo de dar-se conta disso, e a condição patológica resultante normalmente faz com que ela possa perceber o que está errado. Nunca soube de ninguém que tenha aceitado o modernismo em decorrência de uma experiência espiritual. Antes, é pela falta dessa experiência que a pessoa fica exposta à absorção do veneno da incredulidade.

O movimento da dúvida para a fé, ao contrário, é geralmente repentino, muitas vezes explosivo. Uma pessoa converte-se a Cristo por um súbito e violento encontro com Deus e com as coisas espirituais. Sua conversão torna-se uma iluminação, uma repentina percepção interior que mostra as certezas da vida espiritual com tanta nitidez quanto uma paisagem à meia noite quando iluminada pela luz de um relâmpago. Depois de uma longa e dolorida busca do coração, depois do que pode ser uma agonia ou uma luta com o anjo, a manhã desponta de repente como despontou com Jacó. Agora não há mais dúvida. O coração pode dizer: "Que tenho eu com os ídolos? Eu te ouvirei e cuidarei de ti."²⁵

O simples fato de que o crente sempre passa por uma experiência, e que o incrédulo nunca passa, isso nos tem muito a dizer. O liberal nunca pode estar plenamente certo de nada - é contrário a sua filosofia ter certeza de alguma coisa. Somente o verdadeiro cristão tem certeza. Ele já viu o sol despontar, e muito mais é necessário do que as contestações dos que pensam que sabem alguma coisa para destruir o brilho da fé do verdadeiro cristão.

CAPÍTULO 34

O Espírito Santo Está Presente

O Pentecostes não veio e foi embora - o Pentecostes veio para ficar. Cronologicamente aquele dia pode ser encontrado no calendário histórico; em sua dinâmica ele permanece conosco com toda a sua plenitude de poder.

Hoje é dia de Pentecostes. Com o bendito Espírito Santo não há Ontem ou Amanhã - há sempre o eterno Agora. E desde que ele é totalmente Deus, tendo todos os atributos da divindade, não há para ele um outro lugar; ele habita no eterno Aqui. Seu centro está em toda a parte: seu limite não existe. É impossível deixar de estar em sua presença, embora seja possível fazer com que ele deixe de manifestar a sua presença.

A nossa insensibilidade à presença do Espírito é uma das grandes perdas que temos sofrido por causa da nossa descrença e da nossa preocupação. Temos feito dele uma verdade da nossa crença, temos fechado-o dentro de uma palavra religiosa, mas o temos conhecido bem pouco através de uma experiência pessoal. Satanás tem feito o possível para reter de nós o que pode, levantando opiniões contraditórias sobre o Espírito, fazendo dele o tema para debates acirrados e rancorosos entre os cristãos. Entretanto o nosso coração deseja-o ardentemente, e mal sabemos o que esse nosso sentimento significa.

Será bom para nós se pudermos lembrar-nos de que o Espírito é Deus, sendo que a natureza da divindade subsiste nele numa forma que pode comunicar-se com a nossa consciência. O que sabemos acerca das outras pessoas da Trindade é o que ele nos revela. É a sua luz sobre a face de Cristo que nos capacita a conhecê-lo. E a sua luz dentro de nós que nos capacita a compreendermos as Escrituras. Sem ele a Palavra da verdade é apenas uma escuridão.

O Espírito foi enviado para ser nosso Amigo, para guiar-nos por todo o nosso caminho em direção ao nosso lar. Ele é o próprio Cristo que veio viver conosco, de forma a que a palavra do Senhor se cumpriu: "E eis que

estou convosco todos os dias",²⁶ mesmo estando ele sentado à mão direita da Majestade nos céus.²⁷

Será para nós um novo dia quando descartarmos falsas noções e temores tolos, e deixarmos o Espírito Santo ter comunhão conosco da forma tão íntima como ele quer que seja, e deixar que ele fale conosco tal como Cristo falou com os seus discípulos no mar da Galileia. Isso acontecendo não haverá mais solidão, haverá apenas a glória da sua constante Presença.

CAPÍTULO 35

O Anjo de Todo Dia

A história de Zacarias e o anjo²⁸ dá a entender que as pessoas nestes dias estranhos estão vendo coisas de forma imperfeita e fora de foco. É necessário um real esforço da mente para se libertar das falsas filosofias que dominam amplamente as pessoas em todo o mundo.

Considerando a nossa situação dos dias de hoje, pode-se dizer sem medo de errar que as massas da população pensam de igual forma sobre quase qualquer coisa. O nosso orgulhoso direito de discordância é uma piada para quem quer que consiga ver um palmo à frente do seu nariz. Exceção feita aos rebeldes entre nós, que não têm muita importância, o que fazemos é reagir de forma igual, conforme os nossos estímulos sociais. Somos tão influenciados como foram os povos da Alemanha sob Hitler ou da Rússia sob Stalin. A diferença é que somos influenciados não pela força, mas pela propaganda e por outras formas de direção das massas feita pela mídia. A imprensa, o rádio e todas as formas de comunicação visual, dentre as quais a televisão é a mais poderosa, têm lavado o cérebro da maioria das pessoas, de uma forma tão bem sucedida quanto a que foi feita pela máquina da propaganda totalitária. Certamente não há ameaças, não há campos de concentração, não há polícia secreta, mas mesmo assim esse "serviço" é feito. E a prova de seu sucesso acha-se no fato de que aqueles que tiveram sua mente lavada não têm consciência do que lhes aconteceu, e acolhem qualquer menção a isso com fortes gargalhadas. Mas quer a vítima dê risadas ou chore, continua sendo uma vítima.

Um sinal preocupante de nossos conceitos deformados é a nossa falsa atitude para com o que é ordinário. Tem crescido entre nós a ideia de que o que é vulgar está fora de moda e é totalmente desprezível. Dificilmente permite-se que alguma coisa seja simplesmente o que é - tudo nestes dias tem de ser "processado". Em alguns níveis da sociedade, por exemplo, ver uma mãe cuidando do seu bebe pode despertar exclamações de espanto e até mesmo uma categórica desaprovação. Os industriais não produziram um alimento melhor do que o leite materno? E, não importa, o leite não foi "processado" nem foi produzido em nenhum estabelecimento sindicalizado. E como pode alguém desperdiçar o seu tempo assim de forma tão inferior e vulgar?

A inania pelo que tem glamour e o desprezo pelo que é ordinário são sinais e presságios em nossa sociedade. Até mesmo a religião tem se tornado glamourosa. E se por acaso você não sabe o que é glamour, posso explicar-lhe que é uma combinação de sexo, pintura, enchimento e luzes artificiais. Ele tem sua origem em cabarés e no cinema, foi aceito pelo mundo em primeiro lugar e então entrou como um pavão na igreja: vaidoso, admirador de si mesmo e desdenhoso. Em vez do Espírito de Deus em nosso meio, temos agora o espírito de glamour, tão artificial como uma pintura da morte e tão oco quanto uma caveira, que é o seu símbolo.

Temos que enfrentar agora um novo espírito atuando em nosso meio, e isso não é uma figura de linguagem. O novo cristianismo certamente introduziu novos conceitos com que nos defrontamos descaradamente por onde quer que nos voltemos no meio evangélico. As simples virtudes, tão caras ao coração do profeta e do apóstolo, e a essência dos sermões solenes e ardentes de nossos precursores protestantes foram aposentadas já há algum tempo. O novo cristão não mais deseja ser bom, santo ou virtuoso. O que ele quer é ser feliz e livre, ter paz em sua mente e, acima de tudo, quer desfrutar das emoções da sua fé sem nenhum de seus perigos. Ele traz ao Novo Testamento um conceito pagão do caminho cristão, e faz com que as Escrituras digam o que ele quer que elas digam. E isso o novo cristão faz, por estranho que pareça, enquanto ao mesmo tempo alega estar na linha que vem dos apóstolos e ser um filho da Reforma. Os modelos espirituais dessa pessoa não são homens santos, mas jogadores de bola, rufiões da arena e estrelas sentimentais não regeneradas, que a tudo pertencem exceto a um firmamento celestial.

O verdadeiro cristianismo é construído sobre a Bíblia, e ela é inimiga de toda falsidade. Simplicidade, sinceridade e humildade ainda são virtudes valiosas no reino de Deus. O anjo apareceu a Zacarias quando ele estava exercendo o seu ofício regular. Não havia nada glamouroso com respeito ao que aquele velho santo teria que fazer. Não havia fanfarra, nenhuma encenação, apenas um bom homem de idade fazendo o que lhe haviam ensinado. Ele não estava atrás de publicidade. As pessoas do lado de fora nem prestaram atenção nele. Nesta era de tontos será que é demais ter a esperança de que alguns cristãos ainda creiam no anjo das coisas comuns?

Desliguemos as luzes coloridas por algum tempo e vejamos o que acontece.
Talvez nossos olhos se acostumarão com a luz de Deus. E, quem sabe?
Talvez alguém venha a ver de novo um anjo.

CAPÍTULO 36

Uma Regra para Textos Obscuros

Todo o mundo sabe que há algumas passagens difíceis na Bíblia. Os inimigos da verdade gostam de vasculhar os versículos obscuros e apresentá-los como prova de que a Bíblia é um livro cheio de erros e de contradições. Mestres de falsas doutrinas fazem uso desses versículos para ensinarem ideias que não têm base bíblica. Convém que o verdadeiro cristão saiba como tratar as passagens difíceis.

Ao lermos as Escrituras visando o nosso próprio proveito espiritual, seria bom passarmos "batido" pelos versículos difíceis. Por exemplo, o livro de 1 Pedro contém 103 versículos de verdades que nos abençoam e que nos encorajam e que têm por finalidade fortalecer-nos e instruir-nos. Ele também contém dois versículos, que são tais como Pedro disse a respeito de alguns dos textos de Paulo, que são "difíceis de entender".²⁹ Os que estiverem em busca de Deus concentrarão sua atenção nos 103 versículos que podem entender e esperarão até que uma luz mais clara venha sobre as passagens que acharam de difícil entendimento. Agir de outra forma é dar margem a que se suspeite de estarmos brincando com a Palavra de Deus e de que a nossa satisfação é descobrir alguma coisa que abrande a nossa consciência.

As passagens de 1 Pedro a que nos referimos são as seguintes: "no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão"³⁰, e pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus."³¹ Que estes versículos são difíceis de interpretar, nenhum humilde expositor bíblico negará. Pessoalmente creio ter uma explicação satisfatória, mas supondo-se que eu não a tenha e que seja forçado a admitir que não sei o significado desses versículos, então o que devo fazer?

Para responder a isso, vou dar aos meus leitores uma regra de interpretação que tem uma aplicação geral ao estudarmos a Palavra de Deus. Tal regra é a seguinte: Se não sei o que uma passagem difícil quer dizer, pelo menos posso saber o que ela não quer dizer.

E bem aqui que o falso mestre tira alguma vantagem em cima do cristão. Suponhamos que o cristão admita não saber o sentido de um determinado versículo; então o falso mestre avidamente se apega a isso e tira o máximo proveito que pode. "Você não sabe o que o versículo quer dizer? Bem, veja o que a Sra. Eddy, ou Judge Rutherford, ou a Sra. Blavatsky, ou Joseph Smith diz sobre o seu significado... Agora você sabe o que ele quer dizer. A luz veio a você, finalmente!" O grau de confiança com que ele fala chega a intimidar a alma mansa do cristão que acabou de admitir não entender o sentido do texto, e assim em seguida rende-se à direção daquele líder cego.

Tomemos uma ilustração caseira. Estou tentando identificar uma fruta que acabei de colher de uma árvore. Ela tem cor roxa, e oval, tem um grande caroço em seu interior, tem umas fibras por toda a sua superfície, tem a fragrância de uma rosa e o sabor da melancia. Eu coço a cabeça e admito que não sei o que seja. Imediatamente aparece alguém ávido por me ajudar e diz: "Se você não sabe que fruta é, posso ajudá-lo. É uma banana. Agora que lhe dei a luz, venha e siga-me. Sei de muitas outras coisas tão maravilhosas como esta."

Mas eu não sou assim tão facilmente enganado. Minha resposta é: "Não, meu amigo, não vou segui-lo. É verdade que não conheço esta fruta, mas com certeza sei o que ela não é. Não é uma banana." Isso certamente vai me dar condições de me ver livre desse pretensioso ajudador, especialmente se eu puder mostrar-lhe uma banana verdadeira para que ele faça a comparação.

Bem, o que tudo isso nos acrescenta? Simplesmente que: o fato de eu não saber explicar uma passagem não me obriga a aceitar de qualquer um uma explicação que obviamente é enganosa. Eu não sei o que ela quer dizer, mas com certeza sei o que ela não quer dizer. Talvez eu não saiba, por exemplo, o que aqueles estranhos versículos significam quando falam de Cristo ter ido em seu espírito pregar aos espíritos em prisão. Mas sei o que eles não querem dizer. Eles não estão afirmando que a salvação é universal, nem que há uma segunda chance para se salvar depois da morte, nem estão se referindo ao esvaziamento do inferno ou a que o inferno foi abolido. A razão por que sei o que eles não querem dizer é que essas doutrinas simplesmente não são ensinadas em toda a verdade revelada. E, o

que é mais importante, exatamente o oposto é que é ensinado abundante e livre-mente por toda a Bíblia.

Fiz uso de uma passagem das Escrituras não para enfatizá-la em particular, mas como um bom exemplo, escolhido em meio a muitas outras passagens encontradas na Bíblia. A mesma regra aplica-se a cada uma delas. Em conclusão: que toda a Palavra fale, e você descobrirá que ela fala com uma voz muito clara. Preste atenção a essa voz e os versículos obscuros não lhe perturbarão.

"Quem tem ouvidos para ouvir, ouça."³² O sábio vai compreender, mas sabemos que haverá quem continuará a dar ênfase a passagens obscuras. Tal pessoa tem em si um talento próprio para se desviar em questões doutrinárias, e nada do que eu disser a curará desse mal.

CAPÍTULO 37

Substitutos Não São Aceitos

Tudo tem uma causa - tanto no reino de Deus como no mundo natural. A razão de Deus ter obviamente se recusado a enviar-nos um avivamento é algo profundo, mas certamente não tão profundo que não se possa descobrir. Temos apenas de ser realistas e honestos ao confrontarmos esse fato inegável. Creio que o nosso problema é que temos tentado substituir a obediência pela oração, e isso simplesmente não funciona.

Uma igreja, por exemplo, segue suas tradições sem pensar muito quanto a se elas são ou não de acordo com as Escrituras. Ou então ela se rende às pressões correntes e cede às tendências populares que a levam para bem longe do padrão neotestamentário. Então os líderes observam uma falta de poder espiritual nas pessoas e passam a se preocupar com a situação. O que fazer? Como poderão alcançar a revitalização do espírito que tanto almejam? Como poderão fazer com que torrentes de uma água fresca venham revitalizar suas fracas almas?

A resposta está totalmente pronta para eles. Os livros lhes dizem como: orem! O evangelista que passa por eles confirma o que os livros disseram: orem! Esta palavra é repetida muitas vezes, e cresce em volume até tornar-se um bramido: orem! Desse modo o pastor convoca suas ovelhas para orar. Dias e noites são gastos implorando a Deus que seja misericordioso e envie um avivamento sobre o seu povo. A correnteza dos sentimentos flui bastante e até parece por um momento que o avivamento deve estar a caminho. Mas nada acontece, e o zelo pela oração começa a decair. Não demora muito e a igreja está de volta ao ponto em que estava antes e um desânimo paralisante toma conta de todos. Qual foi o erro?

Simplesmente isto: nem os líderes nem as pessoas em geral fizeram o mínimo esforço para obedecer a Palavra de Deus. Eles pensaram que sua única fraqueza era a falta de oração, quando na realidade de muitos modos eles estavam muito aquém em questões vitais de obediência. "(O obedecer é melhor do que o sacrificar." A oração não é um substituto que se possa aceitar no lugar da obediência. O soberano Senhor não aceita oferendas de suas criaturas que não seja acompanhada da obediência. Orar pelo

avivamento e ao mesmo tempo ignorar ou até mesmo desrespeitar o claro preceito inscrito nas Escrituras é jogar fora muitas palavras.

Tem-se deixado de ver com frequência, nos dias atuais, que a fé cristã é um árbitro absoluto. Ela antecipa-se a toda a personalidade redimida e toma o indivíduo até a exclusão de todas as outras reivindicações. Ou, com maior precisão, ela faz com que toda reivindicação legítima na vida do crente seja condicional, e sem hesitação decide o lugar em que cada reivindicação terá em todo o esquema. O ato de submissão a Cristo na salvação liberta o crente da penalidade do pecado, mas não o liberta da obrigação de obedecer às palavras de Cristo. Antes ela traz tal pessoa à alegre necessidade de obedecer.

Muitos pensam que as epístolas do Novo Testamento preocupam-se basicamente com a exortação - seriam simplesmente bons conselhos. Dividindo as epístolas em "doutrinárias" e "exortativas", despojamo-nos de toda necessidade de obedecer. As passagens doutrinárias nada requerem de nós a não ser que creiamos no que dizem. As assim chamadas passagens exortativas são suficientemente inofensivas, pois as palavras que as descrevem declaram que são palavras de conselho e encorajamento, mais do que mandamentos a serem obedecidos. Este é um erro palpável. Não há conselho algum no Novo Testamento, exceto em três passagens no capítulo 7 da primeira carta aos Coríntios, e estas são claramente marcadas como não tendo as credenciais da inspiração divina.

Com exceção dessas, as "exortações" nas epístolas devem ser compreendidas como sendo ordens apostólicas que carregam o peso da autoridade do Cabeça da igreja. Elas são para serem obedecidas, e não consideradas como porções de bons conselhos que temos a liberdade de aceitar ou de rejeitar, conforme queiramos.

Para que tenhamos a bênção de Deus sobre nós, temos de começar a obedecer. A oração tornar-se-á eficaz quando deixarmos de usá-la em substituição à obediência. Quando tentamos fazer essa substituição, o que conseguimos é enganar a nós mesmos.

Os falsos deuses da humanidade têm sido e são muitos - possivelmente tantos quantos seus próprios adoradores. Seria necessário um volume bem grosso se fôssemos listar num livro os deuses que receberam um nome e que têm sido adorados em algum lugar deste mundo,

em todos os tempos. Em termos de grande depravação, os deuses fálicos da antiguidade provavelmente eram os de mais baixo nível. Em seguida a eles, e não muito distantes nessa escala de depravação, estavam o escaravelho, a serpente, o touro e muitos pássaros, quadrúpedes e répteis. Paulo diz com clareza que essa adoração depravada surgiu de imaginações vãs e de corações em trevas resultantes da rejeição ao conhecimento de Deus.

Um pouco mais acima nessa escala estavam os deuses mais nobres dos filósofos de elevado nível de pensamento e dos religiosos da Grécia, da Pérsia e da Índia. Esses representam os que mais apuradamente pensaram acerca de Deus, mas não conseguiram chegar até o verdadeiro Deus porque seus pensamentos originaram-se numa mente decaída e eles não tinham a revelação de Deus para purificar e corrigir os seus conceitos. Toda a adoração que eles praticaram era, e é, idolatria.

Seria um consolo acreditar que tal erro é algo do passado, que pertence aos primórdios da raça humana e a tempos e lugares distantes de nós e que é algo já totalmente eliminado. Mas questiono quanto a ser correta tal conclusão.

De que forma vamos classificar os muitos deuses idolatrados na atualidade? O que dizer do glorificado presidente do Conselho dos Homens de Negócio dos Estados Unidos? E o deus mentiroso e bajulador de alguns clubes de serviço? Ou o deus de ombros largos e de rosto avermelhado que ouve as preces dos pugilistas que se empenham em prejudicar o adversário e que só olham para o dinheiro? Há ainda o deus de postura absorta do poeta não regenerado. Esse deus é agradável, estético, e gosta de relacionar-se com todos os que têm pensamentos elevados e que crêem na igualdade social.

Dois outros deuses modernos devem ser mencionados, que são diferentes entre si em caráter e contudo muito semelhantes por serem dois falsos deuses. Um é o deus enganoso e inescrupuloso do supersticioso. É o deus das correntes de cartas (pirâmides) e de todos os que praticam a magia branca. Embora seja um deus vulgar, classe D, ele ainda tem muitos devotos, mesmo em níveis elevados da sociedade. O outro é o intratável e intelectual deus do teólogo não convertido. Ele é conhecido apenas pela elite intelectual, demonstra uma visível parcialidade para com os eruditos e associa-se exclusivamente com os que possuem muitos diplomas.

As Escrituras são a única revelação confiável de Deus, e quando nós nos desviamos delas assumimos todo o risco. A natureza nos diz algo a respeito de Deus, mas não o suficiente para evitar de sermos levados a falsas conclusões a respeito dele. O que podemos aprender com base na natureza tem de se completar e corrigir por meio das Escrituras, para que não caiamos em erro e em conceitos distorcidos de Deus.

Os céus proclamam a tua glória, Senhor!

Em cada estrela vejo o teu saber brilhar;

Mas quando tua Palavra vou contemplar

Teu nome brilha com muito mais resplendor!

É claro que a revelação final de Deus é Cristo. "Quem me vê a mim vê o Pai,"³⁵ Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;.. "o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser". Conhecer e seguir a Cristo é necessário para salvar-se de todas as formas de idolatria.

CAPÍTULO 38

Fugi da Idolatria

A idolatria, dentre todos os pecados, é o mais detestável por Deus, porque ele é essencialmente uma difamação da personalidade divina. Ele tem em si um baixo conceito quanto a Deus, e, quando esse conceito se propaga, há a culpa de se fazer propalar um boato maligno acerca da Majestade nos céus. Assim esse pecado difama a Divindade. Não é de se admirar que Deus o deteste tanto.

Temos de nos precaver do confortável hábito de considerar que a idolatria se acha somente nos países pagãos e que os povos civilizados estão livres dela. Isso é um erro e resulta de orgulho e de pensar superficialmente. A verdade é que a idolatria acha-se onde quer que o ser humano se encontre. Todo aquele que tem em si um conceito inadequado de Deus está escancarando o seu coração ao pecado da idolatria. E se essa pessoa prossegue de forma a personalizar sua baixa imagem mental quanto ao que seja a Deidade, e orar ou rezar para ela, então torna-se idólatra, e isso se dá seja tal pessoa nominalmente cristã ou não.

É de vital importância que pensemos numa forma sadia a respeito de Deus. Como ele é o fundamento de todas as nossas crenças, disso decorre que, se errarmos em nosso conceito de Deus, também tudo o mais de nossa fé se desviará da verdade.

CAPÍTULO 39

A Àuto-Suficiência Humana é um Mito

Apenas Deus é auto-suficiente. Quando os homens se vangloriam de ser auto-suficientes, estão acobertando uma ficção que se pode demonstrar ser fictícia simplesmente mediante um rápido olhar ao nosso redor.

Onde quer que haja vida há um constante consumo de energia e a necessidade de sua contínua renovação para manter (organismo vivo. Para sustentar a vida, um correto equilíbrio tem de ser mantido entre a energia consumida e a recebida. Quando um organismo é forçado a gastar mais energia do que ele pode criar, e isso permanece até além de um certo ponto, a vida cessa e toda a estrutura entra em colapso. Chamamos a isso de morte.

Esta lei elementar da vida é admitida pela raça humana, e uma provisão é feita dentro da estrutura social para o consumo de algo a partir do qual o corpo pode criar a energia para substituir a que foi gasta na atividade normal. A esse "algo" chamamos de alimento, e referimo-nos à sua inserção dentro do organismo com a palavra "comer". Todo esse processo é um fenômeno da vida humana que é aceito sem mais considerações, e forma que temos a tendência de não observar a profunda lição que ele nos ensina: nenhum ser vivente é auto-suficiente.

O corpo humano não pode viver por si mesmo. Para viver ele precisa ter uma constante contribuição recebida do seu exterior. Embora cheios de orgulho e totalmente seguros de si mesmos, os homens têm de se humilhar para receberem algo da criação inferior. Todo monarca tem de se valer de vacas comuns para servir-lhe de alimento. Todo senhor de uma herdade tem de pedir o seu jantar que vem da galinha criada na propriedade. A fria prima-dona, cantora de óperas, mantém-se viva apenas pela graça de porcos e peixes com que se alimenta. O homem de alto nível de inteligência tem de olhar para abelhas, para arbustos, para sementes e para frutinhas. Dessas coisas provém a energia sem a qual todos morreriam, tanto o grande quanto o pequeno.

Num certo sentido, todo o mundo vive pela fé. Há um certo tipo de fé que é necessária antes de nos sentarmos para comer. Aqueles que zombam da fé têm entretanto que exercitá-la, ou então não poderão continuar a alimentar-se. E não importando o que dizem, eles de fato têm que exercitá-la. Eles tomam suas refeições regulares em total confiança de que as galinhas, as vacas, os grãos e as abelhas não o desapontarão. Sua confiança justifica-se muito bem; o alimento que deles provém nutre o seu corpo. A vida e a energia recompensam a sua fé.

Esquecemo-nos, porém, de que o corpo é apenas o lugar de habitação da alma, como já foi eloquentemente dito por um plebeu: "um hóspede real veio habitar por algum tempo num conjunto habitacional feito de barro". O que nos é ensinado por profetas e apóstolos, bem como pelo próprio Cristo, é que a alma não é auto-suficiente. Ela não pode viver por si mesma. Para manter-se viva ela tem que procurar alguma coisa, alguém fora de seu próprio organismo.

Essa profunda necessidade da alma de um pão que lhe dê a vida é satisfeita completamente na pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. "(O verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá," disse ele aos seus ouvintes, e em seguida identificou o pão como sendo ele mesmo: "Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede."³⁹ Com apenas o conhecimento mais elementar de como os seres vivem por tomarem o material necessário para a vida que provém do seu exterior, podemos entender o texto: "o justo viverá pela fé" .⁴⁰

Embora a fé natural pela qual os homens vivem a vida natural é totalmente diferente da fé salvadora, ela não obstante ilustra a fé que salva, e revela por analogia como é que opera. A pessoa humilde recebe a Cristo em si simplesmente apropriando-se com confiança, da mesma maneira com que se apropria de um alimento. O que o comer é para o corpo, o crer é para a alma. Contemplar com os olhos do coração é acreditar. "Importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna". Desse modo, quem olhar para ele, tal como olharam para a serpente no deserto, será salvo. Assim somos salvos por crer nele, e somos salvos por olhar para ele, porque olhar e crer são a mesma coisa.

A história trágica do mundo é, indiscutivelmente, o número excessivo de homens que procuram viver por seus próprios recursos, porém

sem sucesso, porque ignoram a lei mais simples da criação: nenhum ser vivo é auto-suficiente. Deus nos fez dependentes dele. Ou reconheceremos a nossa dependência dele, ou adotaremos a falsa filosofia da independência, prosseguindo com a nossa teimosia, para por fim morrermos eternamente.

CAPÍTULO 40

Sempre Teremos Problemas

Quando duas superfícies que se movem em diferentes direções se tocam, há uma fricção, e onde há fricção há calor. Na operação de todo o nosso maquinário moderno, a fricção é um problema bastante sério. A resistência que uma peça em movimento oferece a uma outra peça pode fazer com que o movimento diminua a velocidade até parar a máquina; ou então o calor gerado pelo atrito pode queimar a coisa toda. Para impedir que isso ocorra, todo contacto entre superfícies é feito com o maior polimento possível, e lubrificantes são passados entre as peças para minimizar a fricção. Sem o óleo lubrificante, as indústrias de uma nação moderna se desgastariam até parar por completo, em poucos minutos.

Toda máquina é uma sociedade de peças metálicas, por assim dizer, tendo cada peça um trabalho a executar para que seja alcançado o propósito para o qual a máquina foi projetada. Peças que são opostas entre si podem até dar a impressão de estarem trabalhando uma contra a outra, mas na verdade elas estão trabalhando juntas para um fim comum que ultrapassa a possibilidade de ser atingido se uma peça estivesse trabalhando sozinha - um fim que somente pode ser alcançado mediante os esforços de todo o conjunto.

As peças de uma máquina podem ser tomadas como uma alegoria das sociedades humanas. Um só homem é apenas um homem, mas assim que um outro homem vem e junta-se a ele, temos uma sociedade de homens. Pelo fato de que dois homens não podem manter-se parados nem em silêncio por um longo tempo, essa sociedade elementar logo desenvolve problemas sociais. Os interesses divergentes de dois homens fazem com que eles se movam em direções diferentes e, por estarem em contato, haverá fricção. Agora, em vez dessa simples sociedade de dois homens, pense numa complexa sociedade de homens, mulheres e crianças, e é fácil ver por que o mundo tem problemas. Se a humanidade permanecesse parada, ou se todos os seus membros fossem iguais e tivessem o mesmo interesse, não haveria problemas na sociedade humana. A energia e a

atividade dos homens, entretanto, fazem com que uma certa fricção seja inevitável.

Disso tudo nós cristãos temos muito a aprender. Por ser a igreja uma sociedade de seres humanos, os problemas que perturbam famílias e nações são encontrados nela também. Se os cristãos permanecessem separados, somente teriam problemas pessoais, mas por se associarem com outros cristãos, eles têm então problemas sociais também. E verdade que os membros de uma igreja são seres humanos redimidos, mas tal fato não os torna menos humanos em nada. Diferenças de gosto, de temperamento, de opinião, de energia moral e de velocidade de ação entre as pessoas numa comunidade cristã criam uma certa fricção no grupo. Os líderes cristãos que são sábios certamente têm ciência disso antes dos problemas surgirem, e saberão o que fazer quando isso ocorrer.

O que escrevo é para o consolo do povo de Deus, especialmente dos ministros e dos obreiros cristãos. Se na vida prática em nossa comunidade cristã estivermos com noções a esse respeito fora da realidade, somos candidatos a uma amarga desilusão, e talvez a feridas de alma que não se cicatrizarão.

Quando eu era um jovem pregador com o meu diminuto pastorado, eu não tinha ainda suficiente experiência para saber o que esperar. Vim para a obra da igreja com a inocente crença de que as maravilhas do novo nascimento e a presença em nós do Espírito Santo impossibilitariam haver discordâncias e atritos entre os santos. Consequentemente, da primeira vez que os ânimos se acirraram, isso quase que detonou o meu espírito. Inconscientemente eu pensava que tinha sido chamado para pastorear um rebanho de anjos em vez de um rebanho de ovelhas humanas. Através de orações fervorosas e agonizantes, e de um profundo sofrimento, finalmente pude ver o que eu devia ter visto a princípio: que os cristãos basicamente são seres humanos, e quando se dispõem a viver juntos eles terão problemas da mesma forma que outras coletividades. A igreja é um corpo em que há peças móveis, uma sociedade de muitos membros. Os problemas que surgem em qualquer igreja estão em direta proporção com o zelo, com a atividade e com a energia de seus membros. Isso é inevitável e tem que ser admitido sem hesitação alguma.

Alguns equivocados líderes cristãos acham que têm que preservar a harmonia a qualquer custo, e assim fazem tudo o que podem para reduzir a fricção. Eles deveriam lembrar-se de que não há fricção numa máquina que tenha sido desligada durante a noite. É só desligar a energia, e não se terá problema algum com as peças que se movem. Lembre-se ainda de que há uma sociedade humana que não tem problemas: o cemitério. Os mortos não têm diferenças de opinião. Não geram nenhum calor, porque não têm energia nem movimento. Mas em compensação o que têm é esterilidade, nada realizam.

Qual é a conclusão, então, a que temos que chegar? E que os problemas são o custo do progresso, que a fricção ocorre onde há movimento, que uma igreja viva e que esteja crescendo terá alguma dificuldade a superar, que é decorrente da sua vida e da sua atividade. Uma igreja cheia do Espírito despertará a ira do inimigo.

Como vamos então enfrentar os nossos problemas? Primeiro, esteja preparado para enfrentá-los, de forma a não ser surpreendido por eles. Segundo, perceba que todo corpo vivo de cristãos tem problemas, desde o dia de Cristo com os seus apóstolos até o dia de hoje, e assim você não é o único que os enfrenta. Terceiro, derrame copiosas porções de amor, o melhor lubrificante que há no mundo. O amor reduzirá a fricção a um mínimo e fará com que o corpo todo trabalhe em harmonia e com um mínimo desgaste em suas peças. De onde provém esse amor? O amor provém de Deus, e é dado pelo Espírito Santo, em nosso coração.

CAPÍTULO 41

O Capitão de Almas

O poeta inglês William Ernest Henley recebeu muitos insultos dados por cristãos que, indignados e com amargura, ressentiram-se por ter ele dito com todas as letras uma coisa em que praticamente todo o mundo na verdade acredita:

Eu sou o senhor do meu destino:
Eu sou o capitão da minha alma.

Embora o tom prevalecente desse poema seja, num certo sentido, arrogante e desafiador, creio que deveríamos ter algum carinho para com o seu autor, que era alguém cujo coração nada sabia acerca das influências suavizadoras dadas pelo amor de Deus e que, tendo sido aleijado em toda a sua vida, foi levado a cortar, cegamente, tudo o que, a seu ver, lhe causava algum incomodo. O toque um pouco mal-humorado que deu em relação aos céus é mais do que um sinal de arrogância e de uma doce ilusão. E contudo os versos que escreveu quanto a ser o capitão da sua alma e o senhor do seu destino são verdadeiros.

Carlos Wesley falou quase a mesma coisa num hino que tem sido cantado em muitas igrejas:

Um dever, sim, tenho eu
Que é a Deus glorificar,
Preparar-me para o céu,
E uma alma imortal salvar.

Somente aqueles que negam haver um livre arbítrio é que poderiam fazer qualquer objeção a esses versos de Wesley. Certamente Deus deu a cada um de nós uma alma, e também com certeza ele nos deu a responsabilidade quanto à sua salvação. As palavras de Pedro às multidões no Pentecostes expressam essa ideia: "Salvai-vos desta geração perversa."⁴¹ Quem pode duvidar de que Pedro tinha em mente que seus ouvintes eram responsáveis por sua própria condição espiritual? Pensar de outra forma seria ler em suas palavras um outro sentido que com certeza nelas não há.

Abrindo mão, por um momento, da distinção técnica que há entre o capitão e o timoneiro de um navio, podemos ver como cada homem é o capitão da sua própria alma. Assim que o navio soltou as amarras e está sobre as profundezas do oceano, somente o capitão tem responsabilidade sobre ele. Toda a largueza dos sete mares está à sua frente. "Observai, igualmente, os navios que, sendo tão grandes e batidos de rijos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos para onde queira o impulso do timoneiro."42

Mas nós não gostamos de pensar que somos responsáveis por nossa própria alma. É um pensamento desconcertante, até mesmo aterrador. Somos tão fracos, tão ignorantes, e o mar é tão vasto e cruel. "Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?"42' Tomé deu vazão ao seu pensamento, e ao fazer isso expressou os nossos próprios sentimentos. Nós nem mesmo sabemos onde o porto está - como podemos então ter a expectativa de alcançá-lo? Mas mesmo assim somos responsáveis - como é que pode ser isso?

A resposta é que conquanto não possamos dirigir o nosso próprio navio em segurança até o porto por nós mesmos, podemos tomar a decisão de entregar o nosso navio nas mãos de Alguém que pode dirigi-lo. Deus nos deu o livre-arbítrio para que possamos escolher o timoneiro certo. Ele também nos proveu do Timoneiro, Jesus Cristo, Senhor nosso. Temos apenas que reconhecer a nossa ignorância e clamar com fé:

Senhor Jesus, Salvador, vem guiar-nos, No mar encapelado de nossas vidas;

A nossa frente há ondas desconhecidas,
Ocultando rochas rasas e perigos;
Nosso mapa e bússola provêm de ti:
Senhor Jesus, Salvador, vem guiar-nos!

Deus deu a cada um de nós uma vontade própria. A diferença entre o cristão e uma pessoa não salva não é que um tem vontade e que a outra pessoa não tem. Não, ambos têm uma vontade. A diferença é o que eles fazem com ela. O pecador quer dirigir a sua própria vida, e isso é a essência do pecado. Os cristãos são cristãos porque pela fé submeteram a sua vontade à de Deus e deram a sua alma a Jesus Cristo. Tennyson compreendeu isso quando escreveu:

Nossa vontade é nossa, não sabemos como;
Nossa vontade é nossa, para entregá-la a ti.

A conclusão a que chegamos é que o destino de todo homem tem um senhor e que a alma de todo homem tem um capitão. Este pode ser tanto o próprio homem como Alguém que ele tenha escolhido. A diferença pode ser estabelecida com poucas palavras, mas o eterno resultado que delas advém não dá para se descrever nem em mil livros. O céu e o inferno, a vida e a morte, a felicidade e a dor dependem da seguinte decisão: Cristo ou eu?

Pobre Henley. Ele estava tão certo; mas, ao mesmo tempo, incorreu num erro tão fatal.

CAPÍTULO 42

O Que É uma "Vida de Maior Profundidade"?

Está tornando-se cada vez mais evidente que nos últimos anos tem havido um movimento em busca de um tipo de vida cristã num nível mais elevado. Bem agora, quando muitas denominações que enfatizam a santidade têm se reduzido a uma impotência virtual e a maior parte das que são fundamentalistas venderam a sua primogenitura por um prato de comida não boa, um movimento contrário tem surgido dentro do corpo dos crentes da atualidade.

Aparentemente esse movimento não se originou com um homem ou com uma mulher em algum lugar determinado. Não, ele é um desabrochar espontâneo de um desejo espiritual entre os crentes de muitas e variadas origens denominacionais. O movimento não é organizado- não tem uma sede, não possui oficiais e nem membros remunerados. De forma silenciosa e misteriosa a sua influência tem permeado a igreja evangélica tradicional de modo que esse movimento pode ser comparado com a ação do vento que "sopra onde quer",⁴⁵ sem ter uma agência terrena e sem qualquer conhecimento prévio por parte dos homens. Embora o movimento não tenha nenhuma nova doutrina nem ideias estranhas, seus membros reconhecem-se entre si cada vez que se encontram, cruzando fronteiras denominacionais com fortes apertos de mão e sussurros: "Irmão!" "Irmã!"

O interesse cada vez mais intenso por uma vida de maior profundidade por parte de um crescente número de pessoas das diversas igrejas é significante. Essa expressão em si mesma não é uma expressão nova nem é propriedade de nenhum grupo em particular, nem de nenhuma escola de interpretação. Essas palavras, ou algo equivalente, foram usadas por diversas vezes na história da igreja para identificar uma revolta contra o que é ordinário na experiência cristã e para caracterizar o insaciável anseio de algumas almas descontentes diante do profundo, e essencialmente espiritual, poder da mensagem cristã no homem interior.

O fato de que muitos cristãos professos deveriam preocupar-se com uma "vida de maior profundidade" é uma tácita evidência de que a sua experiência espiritual não tem sido satisfatória. Muitos têm se examinado a

si mesmos e ficaram desapontados. Ao conversarem com outros cristãos professos, descobriram que os outros não eram mais ricos do que eles mesmos. Cheios de esperança, eles raciocinaram: certamente tem de haver algo melhor, mais agradável, mais profundo do que temos tido dia após dia. Assim voltaram-se avidamente para os advogados de uma vida de maior profundidade e os questionaram intensamente, talvez com um pouco de cautela, sobre o que precisamente eles estão dizendo, e onde isso se pode achar nas Escrituras Sagradas.

A vida de maior profundidade tem de ser compreendida como significando uma vida no Espírito bem mais avançada do que a da maioria das pessoas, e mais perto do padrão neotestamentário. Não sei se essa forma de denominar esse movimento é a melhor que poderia ser escolhida, mas pela falta de uma outra melhor continuaremos a empregá-la. Há muitas frases nas Escrituras que incorporam o significado que estamos tentando expressar, mas as mesmas têm sido interpretadas num nível mais baixo e igualaram-se com a mediocridade espiritual corrente. A consequência é que quando elas são usadas por um mestre da Palavra no dia de hoje, de maneira geral, elas não mais significam o que significavam quando de início foram usadas pelos escritores inspirados. Esse é o preço que pagamos por fazer a Palavra de Deus conformar-se com a nossa experiência, em vez de trazer a nossa experiência até a Palavra de Deus. Quando são empregados termos de elevado conteúdo espiritual para descrever um baixo nível de vida, então outros termos, mais definitivos, tornam-se necessários. Somente quando são usados termos previamente acertados e entendidos é que pode haver uma verdadeira comunicação entre o mestre e o aprendiz. Disso decorre essa definição da vida de maior profundidade.

A vida de maior profundidade tem também sido chamada de "vida vitoriosa", mas não gosto dessa expressão. Parece-me que enfoca a atenção exclusivamente sobre um aspecto da vida crista, a da vitória pessoal sobre o pecado, quando na verdade este é apenas um aspecto da vida de maior profundidade - um aspecto importante, é verdade, mas é apenas um. A vida no Espírito que é denotada pelo termo "vida de maior profundidade" é bem mais ampla e bem mais rica do que uma mera vitória sobre o pecado, por mais importante que seja essa vitória. Ela também inclui o pensamento da habitação de Cristo, uma perspicaz consciência de Deus, uma adoração

com entusiasmo, a separação do mundo, a alegre rendição de tudo a Deus, uma união interior com a Trindade, a prática da presença de Deus. a comunhão dos santos e o orar sem cessar

Para adentrar uma vida assim, os que a buscam têm de estar dispostos a aceitar sem questionar o Novo Testamento como a nunca autoridade final em questões espirituais. Têm de querer tomar Cristo o único supremo Senhor e dirigente de sua vida. Tem de submeter todo o seu ser ao destrutivo poder da cruz, para morrerem não apenas para os seus próprios pecados, mas morrerem para a sua retidão própria, e também para tudo de que anteriormente se orgulhavam.

Para que isso seja visto como um pesado sacrifício que todos devem fazer, lembremo-nos de que Cristo é Senhor e poderá exigir de nós o que ele quiser, até o ponto de requerer que neguemos a nós mesmos e levemos a cruz a cada dia. A poderosa unção do Espírito Santo que vem, então restaurará a alma dando infinitamente mais do que dela tenha sido retirado. E um processo que não é fácil, mas é glorioso. Aqueles que já experimentaram e viram como ele é agradável nunca se queixarão do que chegaram a perder. Estarão muito satisfeitos com o que vieram a ganhar.

NOTAS

1. 1 Pedro 1:5.
2. Jeremias 17:9-SBTB.
3. Gênesis 32:24, 26.
4. Romanos 8:26.
5. João 16:33.
6. Tiago 5:8.
7. Cf. Mateus 12:36.
8. Salmo 8:2.
9. Mateus 5:28. "João 15:13.
11. Mateus 26:39.
12. Mateus 19:26.
13. Marcos 14:50.
14. 2 Timóteo 4:16.
15. Atos 1:8.
16. Salmo 24:1; 1 Coríntios 10:26.
17. Jó 14:7.
18. Romanos 6:9-SBTB.
19. 1 Tessalonicenses 4:13.
20. I Tessalonicenses 4:16.
21. João 14:19.
22. Filipenses 3:13.
23. João 19:11.
24. Mateus 7:13: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o

caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela).

25. Oséias 14:8.

26. Mateus 28:20.

27. Efésios 1:20.

28. Lucas 1:8-11.

29. 2 Pedro 3:16.

30. 1 Pedro 3:19.